

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA
MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

ALESSANDRA NUNES DE OLIVEIRA

DO EMBUSTEIRO AO EMINENTE ÍDOLO PARAENSE:
a disputa política entre Magalhães Barata e Paulo Maranhão nas
manchetes dos jornais *Folha do Norte* e *O Liberal*

BELÉM/PARÁ
2020

ALESSANDRA NUNES DE OLIVEIRA

DO EMBUSTEIRO AO EMINENTE ÍDOLO PARAENSE:
a disputa política entre Magalhães Barata e Paulo Maranhão nas
manchetes dos jornais *Folha do Norte* e *O Liberal*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, para obtenção de grau de Mestra em Ciências da Comunicação.

Área de Concentração: Comunicação

Linha de Pesquisa: Processos Comunicacionais e Mídia na Amazônia.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Cezar Silva dos Santos.

BELÉM/PARÁ
2020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

O48e Oliveira, Alessandra Nunes de
Do embusteiro ao eminente ídolo paraense : a disputa política
entre Magalhães Barata e Paulo Maranhão nas manchetes dos
jornais Folha do Norte e O Liberal / Alessandra Nunes de Oliveira.
— 2020.
xi,93 f. : il.

Orientador(a): Prof. Dr. Luiz Cezar Silva dos Santos
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em
Comunicação, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade
Federal do Pará, Belém, 2020.

1. Narrativas Jornalísticas. 2. Folha do Norte. 3. O Liberal.
4. Magalhães Barata. 5. Mídia Impressa. I. Título.

CDD 070.17

DO EMBUSTEIRO AO EMINENTE ÍDOLO PARAENSE:
a disputa política entre Magalhães Barata e Paulo Maranhão nas
manchetes dos jornais *Folha do Norte* e *O Liberal*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, para obtenção de grau de Mestra em Ciências da Comunicação.

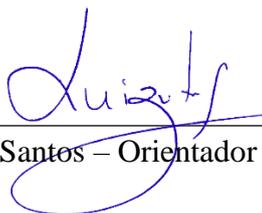
Área de Concentração: Comunicação

Linha de Pesquisa: Processos Comunicacionais e Mídia na Amazônia.

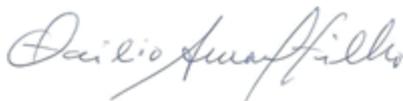
Orientador: Prof. Dr. Luiz Cezar Silva dos Santos.

RESULTADO: (X) APROVADO () REPROVADO

Data: 26/03/2020



Prof. Dr. Luiz Cezar Silva dos Santos – Orientador (PPGCOM-UFPA)



Prof. Dr. Otacilio Amaral Filho – Examinador interno (PPGCOM-UFPA)



Prof. Dr. Rodolfo Silva Marques – Examinador externo (UNAMA)

BELÉM/PARÁ
2020

A minha saudosa mãe, Maria Nunes de Oliveira (*in memoriam*), pelo seu incentivo e fé para que eu pudesse prosseguir no mundo acadêmico, á Jetur Lima de Castro pela cumplicidade e ao meu filho Alefe Castro de Oliveira, minha inspiração.

AGRADECIMENTOS

Minha eterna gratidão à minha mãe, Maria Nunes de Oliveira (*in memoriam*) que fez o possível e o impossível a fim de que eu chegasse até aqui. Essa dissertação é fruto de suas lutas diárias com o objetivo de que pudesse vencer nos estudos. Ela não está fisicamente aqui, mas elevo meus agradecimentos através dos pensamentos e das energias no sentido de que nessas poucas linhas todos possam saber que só foi possível, graças à minha mãe que sempre sonhou comigo nessa jornada na qual me torno nesse momento, a primeira Mestra da família Oliveira.

À Jetur Lima de Castro, meu esposo e grande parceiro nessa jornada acadêmica. Desde 2011 traçou seus os objetivos de vida comigo e aqui estamos contemplando mais uma parte dele se concretizar. E ainda haverá outros! Agradeço-o pelas vezes que abriu mão das suas obrigações, para que eu tivesse o tempo necessário para ir a campo e escrever essa pesquisa.

Ao meu admirável orientador, Prof. Dr. Luiz Cezar Silva dos Santos, na qual estendo elogios pelo seu profissionalismo, empatia, simplicidade, alegria. Em dois anos, pude perceber o grande profissional acolhedor que és, pois após suas orientações, eu ficava sempre feliz e motivada a escrever mais. Nas nossas conversas acadêmicas percebi que és um ser de energia leve, de bem com a vida e que faz tudo parecer mais prático. Muito obrigada. Sou sua fã.

Ao PPGCOM-UFPA que me deu a oportunidade de desenvolver esta pesquisa e me fez concretizar um dos meus maiores sonhos que era entrar ao mestrado e ser mestra. Vou ser eternamente grata a este programa pela transparência e seriedade para comigo.

Às minhas amigas, de todas as horas desde 2012, Gabriela Azevedo e Valena Barros, que estiveram intensamente presente nesse ciclo de dois anos, me apoiando em todas as vezes que precisei do ombro amigo. Nas nossas simples conversas, vocês me ajudaram para aproveitar a leveza da vida. Agradeço o acolhimento nos momentos de ansiedade e nervosismo.

Ao Prof. Dr. Luiz Eduardo Ferreira da Silva, meu orientador da graduação, que confiou nos meus sonhos e na minha capacidade de entrar no mundo lindo, que é a pesquisa. Que sonha junto e me dar os pontos positivos sobre o mundo acadêmico. Muito obrigada pelas conversas de apoio e incentivo. Você é uma das minhas referências.

“Cada história se situa no ponto de interseção entre o arquétipo e uma conjuntura, em outras palavras, entre imagens herdadas e acontecimentos específicos e individuais”

(BURKER, 2018, p. 10).

RESUMO

Investiga as narrativas jornalísticas descritas nas manchetes dos Jornais *Folha do Norte* e *O Liberal* relacionadas ao político Magalhães Barata durante o período em que foi Senador da República pelo Estado do Pará, na década de 1940. As relações de confrontos entre as manchetes jornalísticas sobre a imagem política de Magalhães Barata, em ambos os jornais, reportam para a importância da história da comunicação da recepção referente à imagem de figuras públicas e seus efeitos de representação em sociedade. Por essa razão, problematiza-se a discussão sobre a construção da imagem política negativa de Magalhães Barata por via das manchetes no jornal de oposição, a *Folha do Norte*, e da imagem positiva de apoio, *O Liberal*, respectivamente. Do ponto de vista metodológico, o estudo aqui delineado surge de uma pesquisa interpretativa e documental com base na bibliografia e é um procedimento pautado, antes de tudo, na Análise do Discurso Crítico (ADC) e das imagens midiáticas de Magalhães Barata, que eram veiculadas em ambos os jornais para os leitores da capital Paraense. Nesse contexto, quando nos referimos à política de Magalhães Barata, reportamo-nos à sua importância e legado histórico a partir de um recorte nas manchetes jornalísticas pelas quais será analisada a construção de enunciados, enunciações e imagens nos concernentes jornais.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas jornalísticas. Folha do Norte. O Liberal. Magalhães Barata. Mídia impressa.

ABSTRACT

It investigates the journalistic narratives described in the headlines of the newspapers *Folha do Norte* and *O Liberal* related to the politician Magalhães Barata during the period in which he was Senator of the Republic for the State of Pará, in the 1940s. The relations of confrontations between the journalistic headlines about the image Magalhães Barata's policy, in both newspapers, report on the importance of the history of the reception's communication regarding the image of public figures and their effects of representation in society. For this reason, the discussion about the construction of the negative political image of Magalhães Barata is made problematic through the headlines in the opposition newspaper, *Folha do Norte*, and the positive image of support, *O Liberal*, respectively. From the methodological point of view, the study outlined here arises from an interpretative and documentary research based on the bibliography and is a procedure based, above all, on the Critical Discourse Analysis (ADC) and the media images of Magalhães Barata, which were broadcast in both newspapers for readers in the capital of Pará. In this context, when we refer to the policy of Magalhães Barata, we refer to its importance and historical legacy from a cut in the news headlines through which the construction of statements, statements and images in the relevant newspapers will be analyzed.

KEYWORDS: Narratives Journalistic. Folha do Norte. O Liberal. Magalhães Barata. Printed media.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Logomarca do Jornal Folha do Norte.....	13
Imagem 2 – Logomarca do Jornal O Liberal na década de 1940.....	13
Imagem 3 – Folha do Norte falando sobre a cidade de Belém.....	26
Imagem 4 – Folha do Norte escreve para o Presidente Dutra.....	28
Imagem 5 – Folha do Norte e sua primeira página.....	35
Imagem 6 – O Liberal e sua primeira edição	36
Imagem 7 – Fotografia de Magalhães Barata.....	37
Imagem 8 – Folha do Norte e a censura do Sr. Barata.....	44
Imagem 9 – Adeus, Major!.....	44
Imagem 10 – O Retorno do “triunfador”	49
Imagem 11 – A chegada do “prestigioso” homem Político.....	50
Imagem 12 – Barata estampado no O Liberal.....	50
Imagem 13 – Folha do Norte 15 de dezembro de 1946	52
Imagem 14 – Folha do Norte 15 de dezembro de 1946	53
Imagem 15 – Folha do Norte 15 de dezembro de 1946	54
Imagem 16 – O Liberal 16 de dezembro de 1946	54
Imagem 17 – O Liberal 16 de dezembro de 1946	55
Imagem 18 – O Liberal 16 de dezembro de 1946	56
Imagem 19 – O Liberal 22 de dezembro de 1946	57
Imagem 20 – Folha do Norte 8 de janeiro 1947	57
Imagem 21 – Folha do Norte 18 de janeiro 1947.....	58
Imagem 22 – O Liberal 20 de janeiro de 1947.....	58
Imagem 23 – Folha do Norte 23 de fevereiro de 1947.....	59
Imagem 24 – Folha do Norte 15 de janeiro de 1948	60

Imagem 25 – O Liberal 13 de janeiro 1948.....	61
Imagem 26 – O Liberal 16 de janeiro 1948.....	61
Imagem 27 – O Liberal 17 de janeiro de 1948.....	62
Imagem 28 – Folha do Norte 16 de janeiro 1948.....	63
Imagem 29 – Folha do Norte 16 de janeiro 1948.....	64
Imagem 30 – Folha do Norte 16 de janeiro 1948.....	64
Imagem 31 – As mentiras das “folhas”	65
Imagem 32 – O Liberal 28 de fevereiro 1948.....	65
Imagem 33 – Folha do Norte 27de novembro de 1949.....	66
Imagem 34 – O Liberal 29 de novembro de 1949.....	66
Imagem 35 – Palavras utilizadas pela Folha do Norte para Magalhães Barata.....	68
Imagem 36 – Palavras utilizadas pelo O Liberal para os redatores da Folha do Norte.....	69

SUMÁRIO

OS MEIOS E OS PERSONAGENS – UMA INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – O URUBÚ POUSOU NA SORTE DE BELÉM.....	23
1.1 A Cidade de Belém nos Anos 40	24
1.2 Barata e a serpente – dois personagens da história paraense	29
1.2.1 Era como um rochedo – Joaquim de Magalhães Cardoso Barata	29
1.2.2 Uma serpente venenosíssima – Paulo Maranhão	32
1.3 Foliculário da 1º de Março – O Jornal Folha do Norte.....	34
1.4 O Folhetim do Órgão Social Democrático: O Liberal.....	35
CAPÍTULO 2 – DOIS PERSONAGENS E SEUS EMBATES – O CUCARACHA E O VELHO ROSNADOR.....	38
2.1 A gênese em 1933 – Magalhães Barata e Paulo Maranhão, cada um o seu bocado... 39	
CAPÍTULO 3 – O NOVO EMBATE – A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE MAGALHÃES BARATA	46
3.1 Cão que ladra, não morde – o espetáculo político nos jornais	47
3.2 Chega o triunfador com seu verdugo.....	48
3.3 Assim procedem os baratistas	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS	73
ANEXOS	80

OS MEIOS E OS PERSONAGENS – UMA INTRODUÇÃO

Seguindo as apreensões e as singularidades que possibilitam as experiências em direção às trajetórias sociais, culturais e políticas das sociedades em diferentes épocas, pretende-se discutir as interpretações da história no século XX e seus processos hegemônicos (HOBSBAWM, 1998). Portanto, essa análise tem o objetivo de investigar as narrativas jornalísticas descritas nas manchetes dos Jornais *Folha do Norte* e *O Liberal* relacionadas ao político Magalhães Barata durante o período em que foi Senador da República pelo Estado do Pará de 1946 a 1950, apresentando o resgate da memória sobre a mídia impressa paraense na década de 1940.

Em outras palavras, a pesquisa consiste na investigação da imagem política de Joaquim Magalhães Cardoso Barata, e essa dissertação foi elaborada visando compreender a construção do imaginário acerca do mesmo, sendo ele um dos políticos mais presentes nas narrativas da memória popular paraense.

As narrativas em torno da imagem de Magalhães Barata, ainda preservadas na memória popular paraense, são consequências de suas famosas caminhadas pelos interiores do Pará. A forma de governar, diretamente em contato com o povo, foi um dos motivos que ajudou a cultivar o pensamento político das suas práticas, entretanto, há um personagem nessa “mitificação” de Magalhães Barata que ajudou na criação da sua imagem popular: Paulo Maranhão e seu jornal *Folha do Norte*.

O jornalista Paulo Maranhão, com suas divergências políticas contra Magalhães Barata, tentava constantemente expor as atitudes negativas de Barata em seu jornal com adjetivos que desmoralizavam o político. Nesse contexto de criação do personagem político, que envolve tanto o lado que estava Magalhães Barata quanto a sua oposição, é possível perceber que ambos trabalharam intensamente na disseminação da verdadeira imagem de Magalhães Barata. A construção de sua imagem ocorreu também através do jornal de Magalhães Barata, a saber: *O Liberal*. Ambos os jornais são o ponto central dessa pesquisa.

Será realizada a análise comparativa de matérias, manchetes e imagens nesses dois jornais de vertentes antagônicas, a saber: *o Folha do Norte*, de oposição, e o jornal *O Liberal*, de apoio. Desse modo, antes de prosseguirmos o relato sobre tais acontecimentos, apresentaremos os jornais atinentes.

Partindo de uma completude de amalgamas evidenciáveis, o jornal *Folha do Norte* estabeleceu-se como um dos jornais mais conhecidos do Estado do Pará. Com circulação diária, suas páginas estampavam informações de âmbitos regionais, nacionais e mundiais,

tendo como presidente o jornalista Paulo Maranhão, conhecido por muitos como o jornalista de “sangue oposicionista”, em virtude das críticas regularmente feitas à Magalhães Barata, nas páginas da “*FOLHA*”, tal qual surge o conflito entre o político e o jornalista desde os tempos da revolução de 1930. Para melhor entender o jornal *Folha do Norte*, foram analisadas as palavras de Carlos Rocque ao se referir sobre o jornal: “[...] *Folha do Norte*, velho e tradicional órgão da imprensa, que se editava no Pará, tinha suportado o peso bruto da intolerância do interventor, que nunca escondera sua animosidade pelos homens do jornal [...]” (ROCQUE, 2006, p. 556).

Imagem 1– Logomarca do jornal Folha do Norte



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Viana (2020).

Nessa história dos conflitos políticos em meio às manchetes jornalísticas, situa-se o jornal *O Liberal*, fundado da aliança de Magalhães Barata, Moura Carvalho, João Camargo, Dionísio Brito de Carvalho e Lameira Bittencourt e que representava o órgão do Partido Social Democrata (P.S.D) (BRASIL, 2008). Apresentou sua primeira circulação em 15 de novembro de 1946, devido “[...] a necessidade dos seguidores de Magalhães Barata terem um jornal próprio que fizesse frente à violenta campanha contra eles desenvolvida pela poderosa *Folha do Norte*.” (ROCQUE, 2006, p. 601).

Imagem 2– Logomarca do jornal O Liberal na década de 1940



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Viana (2020).

A abordagem da imagem de Magalhães Barata relaciona-se com a importância da história da comunicação e da recepção da imagem de figuras públicas e seus efeitos de representação em sociedade, no momento em que compreendemos que “[...] devemos estudar

não apenas quem diz o quê, mas também, para quem e com que efeitos.” (BURKE, 2009, p. 163).

Após a análise do impasse na história dos jornais, revelada na memória jornalística e na história da política paraense, foi realizada a investigação de como eram narradas as manchetes e descritas as imagens sobre o governo e a figura de Magalhães Barata nas páginas impressas da *Folha do Norte* e de *O Liberal*.

Os embates e oposições entre ambos os jornais é o que Barbosa (2010) cita, explicando que os jornais se estabelecem dentro de uma arena política e que, no palco, encenam suas batalhas verbais. Os personagens situados em campos opostos se movimentam, transformando a arena em um teatro performático e levando esse embate à notoriedade e discussão em sociedade. O nome e o legado de Magalhães Barata foram regularmente apresentados em manchetes jornalísticas, conforme os interesses dos redatores, tanto os da *Folha* como os do *O Liberal*, que julgavam levar para a sociedade leitora uma “mensagem”, ora “messiânica” de um político ‘assistencialista’ ora a mensagem de um ‘desmistificador’, que vetava a liberdade da imprensa e esquecia-se do povo. As mensagens positivas dependiam dos jornais que tinham seus interesses próprios em propagar a imagem pública de Magalhães Barata.

Vale ressaltar que a escolha de estudar o presente período surgiu da necessidade de investigar os acontecimentos das divergências políticas entre os referentes jornais paraenses, em razão da política de Magalhães Barata. Diante disso, o resgate e ressignificação dessa memória jornalística, através das narrativas empregadas em ambos os jornais, direcionam essa pesquisa para a descoberta sobre a história do jornalismo paraense frente aos contrastes da política de Magalhães Barata.

Quando se faz referência à política de Magalhães Barata, reporta-se à sua trajetória nos estudos da história, política e da imprensa paraense, com base nos levantamentos das investigações nos jornais que analisam a sua importância e legado, e a partir de um recorte nas manchetes jornalísticas pelas quais analisaremos a construção de enunciados, enunciações e imagens de Magalhães Barata.

A princípio, considera-se como questionamento básico deste estudo: Como era narrada a figura pública de Magalhães Barata nos jornais *Folha do Norte* e *O Liberal* durante a década de 1940? Portanto, considera-se que o sentido dessa a pergunta implica na caracterização, sobretudo da criação de personagens “[...] onde um esquema de ser humano; preenche-o com as características que lhe serão necessárias, dali as cores que o ajudarão a existir, a foros de verdade. Uma verdade, é claro, ficcional.” (PALLOTTINI, 1989, p. 12). Desse modo, a

personagem é, conforme Pallottini (1989), uma recriação de traços que são fundamentais de pessoa ou pessoas, traços que lhes que são selecionados de acordo com suas vontades, isto é, das construções narrativas em que cada um dos jornais “mitifica” a Magalhães Barata. Enquanto para a *Folha Norte* era o “cucaracha”, “rei da bucharia”, para o “*O Liberal*”, era o “eminente” e o “ilustre homem público”.

Destaca-se que ambos os jornais se transformavam em teatro performático, no qual os temas divulgados são discutidos e debatidos entre os periódicos, influenciando também na ordem do dia, sendo objetos de conversas e dos casos que se contam pela cidade (BARBOSA, 2010).

Portanto, a relação com o passado na busca de conhecimento é necessária pois possibilita uma examinação a partir de uma série de questões discursivas nos jornais. Através disso, é possível percorrer o tempo por meio de textos concisos, notas editoriais, matérias jornalísticas e fotografias sobre a política e a vida pública de Magalhães Barata. De outra forma, torna-se possível interpretar as construções narrativas, esmiuçando os confrontos jornalísticos que envolvem o político Magalhães Barata nas manchetes dos Jornais *Folha do Norte* e *O Liberal* durante a década de 1940, discussão essa que “[...] precisa ser compreendida articuladamente com outras mediações históricas e comunicativas que se completam com a pluralidade de ressignificações e apropriações.” (MORIGI; SEHN; MASSONI, 2014, p. 312).

Com o objetivo de investigar as construções discursivas acerca de Magalhães Barata nos jornais *Folha do Norte* e *O Liberal* durante a década de 1940, abordou-se as manifestações ocorridas no Estado do Pará na década de 1940 sobre a cultura política paraense através de jornais.

O primeiro passo realizado foi o levantamento bibliográfico de autores que fizeram pesquisas sobre a trajetória de Magalhães Barata, como Rodrigues (1979); Meira (1989); Rocque (1999); Fontes (2013) e Veiga (2018) para conhecer sua trajetória, a saber: influências políticas, ingresso na carreira militar e seus conflitos durante sua jornada Político-Militar. Esse procedimento se pautou em Gil (2010), com a pesquisa bibliográfica, um processo que é baseado em matérias já publicadas sobre determinado assunto, tendo a vantagem de permitir ao investigador fenômenos mais amplos e indispensáveis nos estudos históricos “[...] pois, em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos.” (*idem*, p. 30).

A partir dos levantamentos realizados, foi feita a coleta de materiais e imagens referentes à Magalhães Barata, no *Folha do Norte*, de janeiro a dezembro de 1940 a 1949, no

setor em que sem encontram os presentes periódicos na seção de microfilmagem da Biblioteca Pública Arthur Vianna, da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (FCPTN).

Nos jornais, foram consultadas as matérias, conforme o seu período diário (segunda-domingo), na procura de manchetes e imagens que mostrassem os enunciados relacionados à Magalhães Barata e o Partido Social Democrata. Também foi pesquisado o jornal *A Província do Pará*, na hemeroteca da biblioteca Arthur Vianna, para obter mais informações diárias da cidade de Belém na década de 40.

Na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional¹, analisou-se o jornal *O Liberal*, no período de 1946 a 1947, por serem os únicos anos que estão digitalizados na hemeroteca digital. Com a utilização da ferramenta de busca, os enunciados digitados que faziam menção ao embate jornalístico foram recuperados: *Magalhães Barata* (1058 ocorrências), *Paulo Maranhão* (97 ocorrências), *Folha do Norte* (102 ocorrências). O interesse pela Hemeroteca digital surgiu em razão da facilidade do acesso às notícias sobre o assunto em questão. Já a busca do período de 1948 a 1949 foi realizada no próprio jornal físico na biblioteca Pública Arthur Vianna.

Posteriormente, iniciou-se a investigação nos documentos primários (telegramas, cartas, relatórios e avulsos) no Arquivo Público do Estado do Pará com o objetivo de buscar registros sobre a economia, cultura, educação e o cotidiano da cidade para entender o contexto da década de 1940, na Cidade de Belém. Alicerçado nas fontes documentais, evidenciam-se os aspectos interpretativos para compreensão das manifestações ocorridas no Estado do Pará, nesse período, junto ao redescobrimento e resgate à memória de Magalhães Barata.

Considera-se a escrita da história um fenômeno emancipatório que estabelece um diálogo interdisciplinar com a comunicação e outras áreas de conhecimento e que se torna uma fonte essencial para o pesquisador. Destarte, o procedimento que caracteriza a escrita da história um fenômeno emancipatório, encontra-se no método de análise documental que consiste num “[...] intenso e amplo exame de diversos materiais que ainda não sofreram nenhum trabalho de análise, ou que podem ser reexaminados, buscando-se outras interpretações ou informações complementares, chamados de documentos.” (KRIPKA; SCHELLER; BONOTTO, 2015, p. 244).

Sob tal enfoque entende-se que a pesquisa documental é uma fonte primária, riquíssima e estável em dados históricos e visa representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente do original, a fim de facilitar a informação de forma condensada

¹ Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 6 de março. 2019.

(MARCONI; LAKATOS, 2010; BARDIN, 2009). Como já mencionado anteriormente, a questão central que norteia essa pesquisa, bem como as fontes listadas, é extremamente interessante e útil para nossa compreensão, uma vez que a narrativa é construída em uma fase central no estado do Pará, especificamente no contexto de mobilização política de ambos os jornais.

A abordagem metodológica de análise dos dados coletados, se efetuou por meio da Análise Crítica do Discurso (ACD) pautada no autor Van Dijk (2018). A (ACD) estuda o modo como as características do contexto, tais como as propriedades dos usuários da língua de grupos poderosos influenciam as formas dos membros dos grupos dominados. Em poderosos, temos a *Folha do Norte* e *O Liberal*, como eles enunciavam, seus posicionamentos sobre as ações políticas de Magalhães Barata e a forma como ambos tentavam construir a imagem do então político. Dessa forma, como parte do objetivo da pesquisa também se compreende as posições dos personagens envolvidos, Paulo Maranhão e Magalhães Barata, isto é, a forma de expressar do jornalista e do político, respectivamente, uma vez que cada um tinha sua forma de discursar.

Para ser feita esta análise, a pesquisa cumpriu o papel de analista crítico do discurso, a saber que o:

Analista crítico do discurso pode mostrar, em detalhes, como tópicos, manchetes e *leads* do discurso jornalístico [...] ou slogans no discurso político, podem ser usados e abusados para definir a situação, isto é, de que forma essas estruturas discursivas podem ser usadas para construir as estruturas mais elevadas dos modelos mentais de eventos. (VAN DIJK, 2018, p. 253).

A forma utilizada para manifestar os objetivos propostos consiste na manipulação, que constitui uma das ações cruciais de exame da (ACD). Para Van Dijk (2018, p. 234), os abusos discursivos de poder implicam “[...] nas formas comunicacionais ou simbólicas de manipulação como uma forma de interação, tal como os políticos ou a mídia manipulam seus eleitores e leitores, ou seja, através de algum tipo de influência discursiva.”.

Por exemplo temos na análise da dissertação, os discursos dos jornais *Folha do Norte* e *O Liberal* e como eles cooperaram para disseminar uma imagem (manipulação de imagem) sobre Magalhães Barata. A manipulação de imagem sob o ponto de vista de Van Dijk (2018, p. 251), “[...] realiza-se por meio do discurso em um sentido mais amplo, isto é, incluindo características não verbais como gestos, expressões faciais, *layout* de texto, imagens, e assim por diante.”. De outra maneira estudar a forma como os jornais faziam os seus discursos

constitui o ponto central dessa pesquisa para desvelar o que está implícito nos jornais em relação a imagem de Magalhães Barata.

É importante destacar a diferença entre a notícia manipulada e a notícia informativa. Notícias aparentemente inofensivas, que transmitiam pouca ou parte de uma história, contando apenas sua versão, relacionam-se com o cunho manipulador, pois “[...] o que é transmitido como notícia, de fato, é a manipulação da informação que aponta para efeitos de sentido de *apenas um dos lados envolvidos*.” (INDURSKY, 2011, p. 3, grifo nosso), mostrando que na construção de uma notícia sempre haverá terceiros que detêm a autonomia do que vai ser disseminado, visando estimular a opinião pública sobre o assunto em pauta. Na busca dessa estimulação, cita-se o pensamento de Chomsky (2014) sobre a construção de opinião, como ela é ativada e que “[...] as pessoas não veem motivo para se envolver em aventuras externas, mortes e tortura. Portanto, você tem de instigá-las e para instigá-las é preciso amedrontá-las.” (CHOMSKY, 2014, p. 16).

Será exposta nesta pesquisa a forma utilizada pelos jornais para abordar as narrativas, colocando personagens que movimentavam a sociedade. Já no discurso informativo, há a transmissão de assuntos do cotidiano, que beneficiam um questionamento ou uma ordem do dia: “[...] algo aconteceu no mundo, e é esse novo conhecimento proposto no instante de sua transmissão-consumação.” (CHARAUDEAU, 2007, p. 61).

Na tríade de discurso, cognição e sociedade, o autor Van Dijk (2018) explica que é necessário prestar atenção em todas as três dimensões, mesmo quando o objetivo for enfatizar uma ou duas delas, uma vez que a tendência geral na pesquisa crítica é a de ligar diretamente o poder e a dominação com discurso e as práticas sociais.

Em Brandão (2004), observa-se que o discurso não é apenas um instrumento de comunicação ou suporte de pensamento, mas esse age também como uma forma de produção social. Isto quer dizer que o discurso “[...] não é neutro, inocente e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia.” (idem, p. 11). A autora aborda que quem discursa está em uma posição socioideológica, ou seja, tem suas crenças, ideologias, posição social que ocupa e discursa através de suas ideologias, resumindo como:

Um jogo estratégico que provoca ação e reação, é como uma arena de lutas (verbais, que se dão pela palavra) em que ocorre um jogo de dominação ou aliança, de submissão ou resistência, o discurso é o lugar em que se travam as polêmicas. (BRANDÃO, 2004, p. 6).

As posições que os falantes ocupam ao discursarem mobilizam completamente a arena discursiva, sendo que os enunciados utilizados são pontos estratégicos a serem

analisados, pois esses se tornam a chave central para as interpretações ideológicas que ocupam, uma vez que o enunciado possui apenas um teor abstrato e, conforme Bakhtin, o enunciado constitui-se “[...] a unidade real da comunicação verbal.” (BAKHTIN, 1997, p. 293).

Pêncheux (1990) esclarece que para entender um enunciado é necessário analisar o sujeito do mesmo e o complemento, visto que um mesmo enunciado pode ter sentidos diferentes. Por exemplo, o termo *cucaracha*, no jornal *Folha do Norte*, aparentemente nomeia o inseto barata, em espanhol, mas ao se entender o contexto em que foi criado o termo e quem o emitiu, a interpretação do enunciado torna-se mais eficaz. Em seguida, aborda-se a enunciação que engloba o contexto significativo do enunciado, pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística (BAKHTIN, 1990).

A cena da enunciação é semelhante à fundação ou à atualização de um já dito e à legitimação; a validação daquilo que funda ou atualiza, pretendendo convencer fazendo reconhecer a cena de enunciação que ele impõe e por intermédio da qual se legitima; entende-se que o dito e o dizer se sustentam reciprocamente (MAINGUENEAU, 2006).

Portanto, é interessante examinar as enunciações como construtos de memórias acerca de Magalhães Barata presentes nos jornais *Folha do Norte* e *O Liberal*, pois analisar as falas nos embates jornalísticos dos dois jornais consiste em desmascarar o sentido que eles escondem “[...] as formas simbólicas que representam, e que [...] deve ser compreendido pelo processo de interpretação.” (THOMPSON, 2007, p. 376).

Convém desvendar os sentidos manifestados nos enunciados dos jornais e “tentar compreender os jogadores ou o ambiente do jogo num momento determinado, com o contributo das partes observáveis.” (BARDIN, 2009, p. 45).

Por outro lado, a análise de conteúdo permite fazer inferências que se relacionam ao motivo da criação de determinado enunciado, isto é, o que diz respeito às causas e consequências das mensagens e seus efeitos, pode ser visto nos enunciados de ambos os jornais. Enquanto para a *Folha do Norte* era o “tipo superior”, “pombinho do monopólio dos miúdos” “messiânico” “pai do corós” “cucaracha”, “rei da bucharia”, para o “*O Liberal*” era o “intimorado batalhador”, “eminente orientador”, “inconfundível líder político” “o predestinado”. Consequentemente, a inferência permite analisar os argumentos e contra-argumentos a respeito de Magalhães Barata a partir das estruturas semânticas, linguísticas e as estruturas sociais e psicológicas. Tais concepções são abordadas por Bardin (2009, p. 43), que esclarece:

A leitura efetuada pelo analista, do conteúdo das comunicações, não é, ou não é unicamente, uma leitura à letra, mas antes o realçar de um sentido que se encontra em segundo plano. Não se trata de atravessar significantes, para atingir significados, à semelhança da decifração normal, mas atingir através de significantes ou de significados (manipulados), outros significados de natureza psicológica, sociológica, política, histórica, etc.

Por intermédio do estudo comparativo de notícias entre ambos os jornais, descreve-se pontos comuns nos enunciados, como exemplo, as formas enfáticas dos enunciados, conforme relatado no início deste tópico. Nesse contexto, a análise de conteúdo se torna profícua, uma vez que trabalha com a fala, a prática da língua realizada por emissores identificáveis (BARDIN, 2009).

Nesse contexto de comparações, a pesquisa em Bardin (2009), através da análise de conteúdo e por meio de um mecanismo de dedução com base em indicadores construídos, visa conhecer o que está implícito nas palavras, as significações dos termos referentes à Magalhães Barata, o número de enunciados que mais aparecem para retratar o político e a forma como era expressada, em ambos os jornais, a sua carreira.

Ressalta-se o estudo da análise de imagem nesse aporte metodológico, tendo como objetivo entender como cada jornal mostrava a imagem de Magalhães Barata em um sentido estimativo e depreciativo. Na base desse estudo, encontra-se em Burke (2009) o estudo da propaganda sobre a divulgação de moldar ou manipular a opinião dos leitores (audiência). Por um lado, o jornal *O Liberal* tinha seus interesses, da mesma maneira a *Folha do Norte*, e cada um trabalhava a imagem de Magalhães Barata como forma de persuadir o público leitor para os seus interesses editoriais.

Portanto, o comparativo das imagens sobre esse fator estabelece os pontos principais da pesquisa em comunicação, sobretudo ao pensar as representações visuais que se encontram nos referentes jornais sobre Magalhães Barata. De acordo com Joly (2010, p. 29), “[...] estudar certos fenômenos em seu aspecto semiótico é considerar seu modo de produção de sentido, ou seja, a maneira como provocam significações, isto é, interpretações.”

Analisar imagens é um processo que vai além desse fator e se destina a refletir, compreender, descrever e contextualizar diferentes perspectivas e teorias com objetivos específicos, no sentido de “[...] decifrar as significações que a “naturalidade” aparente das mensagens visuais implica. “Naturalidade” que, paradoxalmente, é alvo espontâneo da suspeita daqueles que acham evidente quando temem ser “manipulados” pelas imagens.” (JOLY, 1996, p. 43). Dessa maneira, as imagens de Magalhães Barata nos jornais paraenses estabelecem formas interpretativas as quais estão na base qualitativa do estudo com foco na

análise. Tais concepções são elencadas por Joly (1996), que esclarece que a análise de imagens:

[...] parte de significados para encontrar significantes e, portanto, os signos que compõe a imagem [...] permite mostrar que a imagem é composta de diferentes tipos de signos: linguísticos, icônicos, plásticos, que juntos concorrem para a construção de uma significação global e implícita [...]. (JOLY, 1996, p. 50).

De acordo com a visão teórica da autora, compreende-se que a análise das imagens pode dizer muito mais que os próprios enunciados dos jornais que tratam a figura pública de Magalhães Barata em sua trajetória política. Desse modo, a imagem do interventor, que os jornais *Folha do Norte* e *O Liberal* tratam, é marcada por um sistema de construção de representações visuais e enunciativas dos referentes jornais que, para nós, constituem todo o ciclo da vida pública do interventor, senador, governador e do major.

É, portanto, uma combinação de imagens e palavras que representam uma grande quantidade de informação iconográfica teatralizada, isto é, uma personagem que, de acordo com Joly (1996) e Burke (2009), embasa a nossa compreensão para alcançar da melhor forma possível uma mensagem visual, com o objetivo de construir e desconstruir as formas imagéticas que se expressam e buscam atingir o público no intuito de causar algum efeito.

A construção da imagem do político Magalhães Barata, com todos os seus contextos de fotografias e de discursos jornalísticos, nos remete ao que Gomes (2004) conceitua como “política de imagem” em sua abordagem sobre a imagem pública, a qual se faz com ações e discursos, aliados a recursos visuais, mas somados a outros recursos, pois para levarmos uma imagem ao público não constituímos apenas de uma imagem visual, que não deve ser confundida, já que ao invés de designar um fato plástico, a imagem pública se refere a um fato cognitivo, conceitual, obedecendo um repertório a ser seguido.

Uma vez que a imagem pública tem seu caráter cognitivo, essa baseia-se fundamentalmente nas concepções: aos quais são os juízos coletivos acerca de fatos e questões (opinião pública), em que é levado ao povo quanto às posições e decisões sobre a natureza e o caráter dos indivíduos (imagem pública). Observa-se que os jornais sempre colocavam o termo *povo* no meio dos discursos tanto da *Folha do Norte* quanto do *O Liberal* como uma forma de levar as discussões para a população sobre quem era e o que se poderia pensar sobre Magalhães Barata.

Gomes (2004) esclarece ainda que a imagem pública chega aos cidadãos por canais institucionais da comunicação de massa. Portanto, os instrumentos de comunicação de massa, que são também sujeitos de interesses próprios, enfatizam ainda os seus próprios desejos.

Nesse processo, será feita a análise sobre como eram construídas essas imagens pela *Folha do Norte* e *O Liberal*. No final, destaca-se que os enunciados encontrados no sumário desta pesquisa são todos baseados nos revides proferidos pela *Folha do Norte* e *O Liberal* quando esses se enfrentavam.

CAPÍTULO – 1

O URUBÚ POUSOU NA SORTE DE BELÉM

APRESENTAÇÃO

A cidade de Belém nos anos de 1940 trouxe muita movimentação nas estruturas políticas, econômicas e sociais, movimentações que foram decisivas para influenciar nas questões políticas vindouras. A cidade que, no início da referente década, entusiasmava o poder público, viveu a sua desordem e precarização pós-segunda guerra mundial, que resultou também em uma nova forma de fazer política no País, assim como a reorganização da política Paraense. O contexto

acima foi explicado visando oferecer os aportes necessários para a compreensão dessa década em meios aos noticiários que falavam da cidade de Belém. Salienta-se a compreensão deste capítulo, pois ele consiste em uma das bases que tem influência na política paraense na década de 1940.



1.1 A Cidade de Belém nos Anos 40

O Estado do Pará, em 1940, contava com uma população entorno de 944.644 habitantes², tendo como fonte básica da economia, o extrativismo, fonte essa que fazia o Estado ter destaques na diversidade das matérias primas extrativistas, e no equilíbrio na balança de exportação, comparado às outras unidades da Federação.

No panorama econômico, o Pará, como a maioria dos estados brasileiros, passava por um período de desequilíbrio econômico originado pela influência da Segunda Guerra Mundial, e os efeitos causados desorganizaram a vida econômica da população. Problemas de alimentação e habitação nos interiores despertaram o êxodo rural para a capital paraense.

A década de 40 vivenciava a ideologia do “incentivo à brasilidade” para valorizar a cultura e economia do País. Com o início do Estado Novo³ de Getúlio Vargas e a ideologia do nacionalismo, a modernidade e a valorização interna do País foram incentivadas. As políticas das interventorias estaduais se associam às diretrizes de Estado estabelecidas por Getúlio Vargas para impulsionar planos de modernização edilícia e urbana nas cidades (CHAVES, 2017).

Com uma população entorno de 206.331⁴ habitantes, Belém vivia sobre administração do Interventor José Carneiro da Gama Malcher e recebeu do Governo Federal incentivos de progresso nas variadas esferas: cultura, educação, infraestrutura, e economia. Na época, a Biblioteca Pública Arthur Vianna recebeu novas coleções bibliográficas expandindo seu acervo. A Escola Brasileira de Cinema buscava, por meio de telegrama⁵, junto à representação de cada Estado, dois elementos natos, um de cada sexo, para fins de intercâmbio para participar da referida escola.

Com o início da Segunda Guerra Mundial e a necessidade de produção de diversos instrumentos bélicos, calçados instrumentos cirúrgicos, luvas, autopeças, correias, o governo Norte Americano procurou o Governo Brasileiro para garantir que suas necessidades de utilização da borracha fossem supridas e, em 1942, a cidade vivenciava o seu segundo ciclo da borracha (PONTES, 2015).

² Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Séries históricas e estatísticas**. Brasília, 2019.

³ Regime político instalado em 10 de novembro de 1937 a 1945 liderado por Getúlio Dornelles Vargas. Tendo como ideologia o nacionalismo econômico, como uma tendência de se construir um Estado que tinha entre os seus elementos o corporativismo e a busca pela harmonia entre as classes, a concentração de poderes e a exaltação da figura do líder nacional (CABRAL, 2011).

⁴ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Indicadores da Cidade de Belém**. SEGEP: Belém, 2002.

⁵ Telegrama enviado pelo diretor da Escola Brasileira de Cinema, Bento de Oliveira para o Interventor José Carneiro da Gama Malcher. Rio de Janeiro, 5 de março de 1940.

Por meio do Acordo de Washington⁶, Belém aumentou sua população, assim como a infraestrutura urbana, como exemplos, o Banco de Crédito da Borracha⁷, a construção do aeroporto de Val-de-Cães e o denominado Dique de Belém.

Os poderes públicos visavam intensamente o Norte do Brasil e a Amazônia para que se tornassem o palco de suas grandes operações construtoras. Em função de todos esses fatos, a vida da capital voltou a sorrir e vibrar e os interesses urbanísticos estavam sendo olhados com assistência e simpatia.

Parte do aumento da população em Belém ocorreu com a chegada dos “soldados da borracha”. Esses eram homens nordestinos que vinham movidos pela propaganda oficial de que “[...] seriam heróis de guerra tão importantes quanto aqueles que iriam para o *front* Europeu.” (SILVA, 2013, p. 13). Juntamente com a promessa de novas oportunidades de vida, desencadearam o aumento populacional na capital Paraense.

Com a inauguração em 9 de julho de 1942, o Banco de Crédito passou a operar somente em abril de 1943, com sede em Belém, na praça Visconde do Rio Branco. No decorrer da década, a cidade crescia, e em 1944, ocorreu a expansão para o sentido sul da cidade, com a inauguração do Dique de Belém, que possibilitava controlar inundações provocadas pelas oscilações de marés e drenar as baixadas entre os igarapés do Tucunduba e de Val-de-Cães, eliminando as áreas de proliferações de insetos e doenças, e o aumento da área habitável da cidade em aproximadamente três mil hectares (SANTOS, 2016).

Ao mesmo tempo em que a influência da Segunda Guerra Mundial despertou o incentivo ao aumento populacional e territorial da capital, problemas foram sentidos pela população devido a esse aumento, como por exemplo, a crise de abastecimento de água, que se tornou evidente na época e era constantemente abordada na imprensa local (CHAVES, 2016). Encontra-se esse fato no jornal *O Liberal*, nas palavras do Engenheiro Civil Augusto Meira Filho:

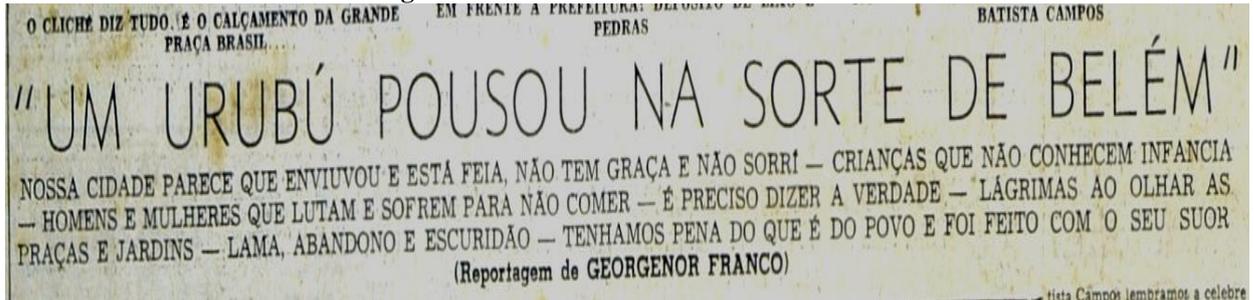
Belém, pela sua situação geográfica, achava-se acumulada de gente estrangeira e de grande quantidade de soldados convocados e vindos do interior e, mais alguns milhares de soldados da borracha que a cidade abrigava [...] nada mais fácil saber-se porque faltava água em Belém. (MEIRA FILHO, 2 jun. 1947, p. 6).

⁶ Acordo firmado entre Estados Unidos e Países da América Latina, em março de 1942. Com a finalidade de ajuda técnica entre os países envolvidos. Para o Brasil, com aquisição de armamentos e implantação de projetos industriais em troca de matéria-prima, minério de ferro e precisamente o látex, para os Estado Unidos (TOBIAS, 2018).

⁷ Firmado através do Decreto-lei nº 4.451, de 9 de julho de 1942. Com a missão de trabalhar a parte específica da produção, isto é, o financiamento, a compra de toda borracha produzida, o beneficiamento, a padronização, o transporte, o armazenamento e a venda nos centros produtores (FONSECA, 1950).

O segundo Ciclo da Borracha, que ocorreu de 1942 a 1945, foi um período curto, e após seu término, Belém voltou a viver uma nova estagnação. A cidade é comparada, no jornal *A Folha do Norte* (2 mar. 1947, p. 1),⁸ como uma mulher sofrida, que do casamento colheu o espinho do desengano; à uma viúva que resolveu renunciar tudo para ser triste, dolorosa e feia. Dessa forma, Belém é relacionada após o final da Segunda Guerra Mundial e de seu segundo período da borracha.

Imagem 3 – Folha do Norte falando sobre a cidade de Belém.



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna (2019).

A cidade sofreu uma crise de abastecimento de alimentos, crise essa que assolou a população e levou à falta e ao encarecimento de produtos na mesa do consumidor (CHAVES, 2016). Os altos custos financeiros reproduziram a carestia da alimentação da população da cidade. A carne foi protagonista nos conflitos entre a população e os mercadores (PENTEADO, 1968).

O consumo de café também foi comprometido. Os proprietários de bares e botequins aumentaram o valor do cafezinho, elevando para 30 centavos o preço da xícara pequena de café, situação que mobilizou o Prefeito, os representantes do Sindicato dos Proprietários de Hotéis e Similares e a imprensa para um pleito de discussão sobre o caso.

A questão que o aumento do preço do cafezinho levantou, está preste a acabar. Os proprietários de bares e botequins reconhecem, agora, que agiram precipitadamente, elevando para 30 centavos o preço da xícara de café. (A PROVINCIA DO PARÁ, 8 mar. 1947a, p. 3).

A prática simples e rotineira, que envolvia o cotidiano da população da cidade, como o cafezinho, não foi a única abalada. Outras estruturas sociais foram abaladas, como a falta de limpeza, o abastecimento elétrico e água potável, dificultando a vida social. Em relato encontrado no jornal *O Liberal* de 1946, é retratada a situação da vida em Belém: “Nos dias atuais tudo nos é difícil, tomar um bonde, um ônibus, a fila de carne ou de peixe, esperar a luz da Pará Elétrica, etc. [...]” (MENEZES, 1946, p. 2).

⁸ Ver anexo A

A *Pará Electric Railways and Lighting Company* foi insatisfatória para população em vista das constantes interrupções de energia elétrica, prejudicando a iluminação pública e a tração dos bondes. Belém, que contava com 102 bondes no seu serviço de transporte, agora contava com apenas 30 em circulação, e por causa das oscilações da circulação dos ônibus, apenas 10 circulavam na capital e em estados deploráveis de conservação.

A cidade está ameaçada de viver eternamente mergulhada nas trevas, sem transporte e com suas indústrias paralisadas, devido a já sabida e calamitosa situação em que se encontra a Companhia de Eletricidade Paraense e que, dia a dia, se agrava cada vez mais (A PROVINCIA DO PARÁ, 22 mar. 1947b, p. 8).

Triste e soturna, assim a vida noturna da capital era retratada nos jornais. Para a imprensa local, o lazer das famílias belemenses de ir as praças, as vivacidades das brincadeiras de cirandas, na noite da capital, estavam dando lugar à ideia de retrocesso da época colonial dos lampiões a querosenes, devido à constante falta de energia.

Os espaços de lazer, como as praças, foram afetados. Essas suspiravam por manutenções, com suas pontes quebradas; calçamento arrebitado, depósito de lixo e de pedras. As praças populares, como a Batista Campos, Pedro II e a Praça da República, tornaram-se abrigo para moradores devido à escuridão em que se encontravam.

A *Folha do Norte* não hesitou em mostrar pontos da cidade que estavam sendo esquecido pelo poder público. Com a chegada do Presidente Dutra à capital Paraense, o jornal escreveu para o presidente nas suas páginas⁹ que esse não deveria fazer passeio em Belém, por causa da miséria e descaso que estavam assolando as ruas de Belém. Com a chegada do presidente, o jornal dizia que “[...] o governo mandou remendar, a toda pressa, as mazelas da cidade, para tapear o Presidente.” (FOLHA DO NORTE, 15 maio 1949, p. 1).

O referido jornal, além de divulgar as notícias das precariedades da cidade, era o que sempre divulgava as imagens como forma de comprovar as denúncias sobre a cidade.

⁹ Ver anexo B

Imagem 4 – Folha do Norte escreve para o Presidente Dutra



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna (2020).

Mesmo com todos os impasses, o fôlego para uma Belém progressista repercutia com o termo *cheirando ao modernismo* devido ao fato da cidade receber ônibus com duas portas, o que despertava certa confusão nos passageiros em razão do fato de subir por trás e descer pela frente do ônibus:

Há prédios novos na 13 de agosto, ônibus com porta de entrada e de saída para passageiros, a praça Batista Campos foi desinfetada “rasparam” as mangueiras das avenidas e muitas outras coisas aconteceram para facilitar o progresso da cidade. (A PROVÍNCIA DO PARÁ, 21 março 1947c, p. 8).

Essas notícias chegavam por meio dos jornais que circulavam na presente década que, de acordo com o Catálogo dos jornais Paraoaras (1985), revisa os que circulavam nos anos 40, a saber: *Folha do Norte*; O jornal do Círculo; *O Liberal* e *A Província do Pará*, que voltou a circular no domingo 9 de fevereiro de 1947. “O povo de Belém, envolvia os vendedores, disputando os seus exemplares que rapidamente se esgotaram, o que levou numerosos gazeteiros a exigirem preços mais altos.” (A PROVÍNCIA DO PARÁ, 11 de fev. 1947). Os Jornais literários, educacionais e esportivos também circulavam como: *A Planice*; *Encontro* e *O Imparcial Esportivo*.

O ano de 1946 ficou marcado para a política brasileira com o Decreto-Lei nº 7.586 de 28 de maio de 1945, que recriou o Tribunal Superior Eleitoral e um Tribunal Regional em cada estado e no Distrito Federal para a votação democrática nas urnas a fim de nomearem

seus representantes. No dia 8 de outubro de 1946, foi reinaugurado o Tribunal Regional Eleitoral no Pará, trazendo as disputas partidárias e a bipolarização política.

De acordo com Veiga (2018), havia diversas frentes partidárias entre as quais se destacam: o Partido Social Democrático (PSD), Partido Social Progressista (PSP), Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), Partido Social Trabalhista (PST), Partido Comunista do Brasil (PCB), Partido Trabalhista Renovador (PTR), Partido Socialista Brasileiro (PSB) e União Democrática Nacional (UDN). Nas eleições de janeiro de 1947, os leitores paraenses tiveram em torno de 123 mil votantes com a abstenção de 23% por cento. Levando a uma esmagadora vitória do PSD nos cargos de governança do Estado - 68.302 votos, para o Senado - 68.040 votos e para Deputado Estadual - 62.858 votos (BRASIL, 2008).

A questão político-partidária na década de 40, na cidade, foi movimentada, com o surgimento de um novo jornal nos anos 40, *O Liberal*. Nesse período, os ânimos dos veículos de imprensa ficaram exaltados, especificamente os dois que circularam na cidade (*Folha do Norte* e *O Liberal*), que pretendiam a todo custo se posicionar um contra o outro, sempre a favor dos seus ideais de editoração, de ideologia política e de partido, e para entendermos essa parte específica que movimentou a política, a imprensa e os eleitores da cidade e do Estado, precisamos entender dois protagonistas que movimentaram a Belém e o Pará da década de 40.

1.2 Barata e a serpente – dois personagens da história paraense

Neste subcapítulo serão mostrados os acontecimentos importantes e os detalhes da vida pública de Magalhães Barata, Paulo Maranhão e o princípio do conflito entre ambos, que marcou o embate entre os jornais *Folha do Norte* e *O Liberal*.

1.2.1 Era como um rochedo: Joaquim de Magalhães Cardoso Barata

Falar da vida de Magalhães Barata requer um estudo detalhado para cada fase da sua existência a fim de explicar cada momento da sua extensa carreira política, porém, a abordagem a seguir não dará ênfase a esses detalhes e sim irá mostrar um breve panorama de sua trajetória que, desde o berço familiar, “corria em sua veia” a descendência militar e política.

Em uma simples olaria, na beira de um barranco da baía do Guajará, em Val-de-Cães, em 2 de junho 1888, nascia Joaquim de Magalhães Cardoso Barata (MEIRA, 1989). Sua trajetória é marcada a partir de sua juventude, encontrando-se nos caminhos da profissão de militar a qual viveu intensamente. Foi soldado, tenente, capitão, interventor e senador. Viajou

pelo País, nas cidades de Manaus, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Macapá. Estudou em colégios militares, lutou em revoltas, foi preso, foragido, excluído do exército, encabeçou movimentos tenentistas¹⁰, lutou na revolta da vacina, comandou o levante militar no Espírito Santo na revolução de 30 (VEIGA, 2018).

Filho de Antônio Marcelino Cardoso Barata e Gabrina Magalhães Barata e neto de um general de brigada. Segundo Rocque (1999), em suas produções sobre a vida do major, sublinha que Joaquim, Mimi ou baratinha, apelidos de Magalhães Barata, em sua juventude, intercalou a vida entre a cidade de Belém e o município de Monte Alegre, esse último onde seu pai trabalhava, estudando em colégios tradicionais paraenses como o Paes de Carvalho e o de Monte Alegre. Seu objetivo de vida era “[...] ser militar, como o avô materno.” (ROCQUE, 1999, p. 18). Com grandes esforços, proveniente de sua família, viajou em 1903 para o Rio de Janeiro para cursar a Escola Militar do Realengo e formou-se aspirante a oficial, em 1911. No início da carreira militar, serviu como 2ª tenente no 47º Batalhão do Pará e foi comandante das guarnições de fronteiras do Pará (JOAQUIM..., 2018).

Sendo afilhado de Lauro Sodré¹¹, o apoiou na revolução armada, que veio a ser o seu primeiro combate. Após a revolta da vacina em 1904 e em consequência de um decreto do presidente Rodrigues Alves, Magalhães Barata foi excluído do exército, preso e mandado para o Rio Grande do Sul, mas voltando à Belém (MEIRA, 1989; ROCQUE, 1999).

Em 1920, foi promovido a primeiro tenente. Nos anos trinta, por meio do sistema de interventorias em 12 de novembro de 1930, foi nomeado para assumir o cargo de interventor do Estado do Pará, ficando na liderança do Estado até 1935.

Uma vez que o Estado do Pará passou a ter influência da política governamental de Getúlio Vargas¹² no tempo em que o então Presidente, no cargo do governo provisório¹³,

¹⁰ Movimento que eclodiu no ano de 1922, lideradas por oficiais jovens, de baixa patente, que buscavam transformar o descontentamento generalizado que o Brasil vivia em relação ao cenário Político-Eleitoral, em ação política contra os grupos dominantes. Tendo a participação de cadetes, suboficiais e sargentos (BARROS, 2005).

¹¹ Lauro Nina Sodré e Silva, popularmente conhecido como Lauro Sodré. Nasceu em Belém, no ano de 1858. Foi militar e representante Político do Pará. Governou o Estado do Pará em 1891-1897 e no segundo mandato, 1917-1921. Foi eleito Senador três vezes do Pará em 1897, 1903 foi eleito Senador pelo Distrito Federal e 1912 eleito novamente Senador do Pará. Morreu em 16 de junho de 1944 na cidade do Rio de Janeiro (LAURO, 2017, doc. não paginado).

¹² Getúlio Dornelles Vargas descendente de uma família de Militares. Nasceu em São Borja (RS) no dia 19 de abril de 1882. Vargas começou a trilhar o caminho da política gaúcha em 1906 e em 1907, ingressou efetivamente na política partidária republicana. Foi Deputado Estadual e Federal. Em 25 de janeiro de 1928, Getúlio assumiu a presidência do Rio Grande do Sul. Ascendeu Ao poder Nacional em que se tornou Chefe do Governo Provisório em 1930-1934. Foi presidente no Governo Constitucional entre 1934-1937 e instaurou o Regime Político do Estado 1937-1945.

¹³ Período de 1930 a 1934, trazendo a nova política Getulista. Nesse período que subiu ao poder, Vargas entrou com o decreto 19.398, que trazia autonomia para delegar funções, criações e exonerações. Araújo (2011, p. 29) descreve que por meio do decreto Vargas “dissolveu o Congresso Nacional e demais órgãos legislativos [...]

estabeleceu o Decreto de nº 19.398 de 11 de novembro de 1930, junto com o sistema de interventorias, que consistia na autonomia para instituir os representantes dos estados brasileiros, isso conforme o Art. 11, o qual afirmava que “[...] o Governo Provisório instituiu um interventor federal para cada estado, salvo para aqueles já organizados [...]” (BRASIL, 1930), e, em 12 de novembro de 1930, iniciava a nomeação de Joaquim de Magalhães Cardoso Barata, do Partido Liberal, para assumir o cargo de interventor do estado do Pará.

A seguir, um trecho do discurso de Magalhães Barata cortejando o povo Paraense:

Aqui estou como um revolucionário perseguido de 1922, ou com foragido de 1924, mas sonhando com a grandeza da minha terra e lembrando as figuras de Assis de Vasconcelos e de Eurico de Castilho França. Eu saúdo-te, povo da minha terra. (DISCURSO..., 1933, p. 1).

Diante de tal nomeação, pressupôs-se que a administração de Magalhães Barata sofreu, em sua duração, grande influência do governo de Getúlio Vargas, desde o modelo populista, por meio da “assistência” para com as camadas subalternas, até a maneira de governar pelo processo centralizador. Por certo, Magalhães Barata detinha uma característica que marcaria seu o governo e que se relacionava à sua identidade como interventor e à sua popularidade, a julgar pelas visitas realizadas as cidades e lugarejos do interior do Pará.

Como representante do Estado, o interventor passou a ser visto como “a novidade” para a população paraense, aquele que socorreria das mazelas o Pará e especialmente a capital Belém, que até então havia experimentado as potencialidades urbanísticas de Antônio Lemos e, no entanto, estava entregue à própria sorte “[...] com as suas praças abandonadas, ruas intransitáveis, e a população sentindo saudades do ‘velho’ Lemos.” (ROCQUE, 1999, p. 86). Com a chegada de Magalhães Barata, a população enxergou na sua figura a “solução para a deterioração social”. Magalhães Barata, como político, soube aproveitar essa “carência” social para trilhar o seu mandato e, da mesma maneira, solucionar tais conflitos internos em que o estado se encontrava, com o objetivo de aumentar o seu favoritismo com as massas. “O interventor procurava passar a imagem do guia dos paraenses, aquele que levaria o povo ao caminho do progresso dentro de uma ordem hierarquizada, valorizada pela própria condição de militar.” (RIBEIRO, 1998, p. 19).

A maneira de governar de Magalhães Barata produziu elogios pessoais de Getúlio Vargas, que, em visita à Belém, expressou-se de maneira a relacionar a situação da capital antes do interventor e atualmente, com a sua atuação política no território paraense:

nomeou interventores para os estados. [...] criou o Ministério da Educação e Saúde Pública e o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.”.

Paraenses! Após uma longa excursão pelo Norte, atinge ao extremo limite, a esta terra maravilhosa que, defrontando com os limites de nações estrangeiras, é a sentinela vigilante da Pátria! Eu vos saúdo! Terra de inteligência, cultura e trabalho, que, relegada ao abandono pela incúria dos governos passados, a revolução só ergueu de novo, como eu a vejo agora, cheia de vida e entusiasmo, terra onde os rios parecem oceanos e as multidões, como esta que se me depara, são também oceanos de vibração e patriotismo! A vossa terra, eu vim para conhecê-la e saudá-la, Viva o Pará! (FOLHA DO NORTE, 1933a, p. 1).

Em meio às comparações do passado e do presente no estado do Pará, Vargas discursa fazendo uma relação do reconhecimento regional. Dessa forma, os fragmentos da *Folha do Norte* demonstraram que Getúlio Vargas aparecia destacando e apoiando o trabalho de Magalhães Barata, uma relação típica do governo de Vargas em valorizar o populismo que, doravante, estava direcionado ao interventor federal e ao território paraense.

Em meio ao populismo governamental, Magalhães Barata não deixou de seguir a influência política da sua época. Sua política, embora popular, não negligenciava o seu lado centralizador. Perante esse aspecto, Magalhães Barata travou confrontos e batalhas contra os que reagiram ao seu governo, em especial após as constituintes de 1933, através das quais os ânimos do interventor se revelaram de forma beligerante contra aqueles que buscavam enfrentar ao seu poder.

O caráter patriarcal, autoritário e conservador de sua liderança foi reforçado pela personalidade carismática que o apoio popular ajudou a realçar. Foi o risco necessário que Magalhães Barata correu, e que em determinado momento, se revelou armadilha inescapável. Perdida a eleição indireta de 1935, por longos anos ele ficaria afastado do Estado e do poder. (RODRIGUES, 2013, p. 4).

Entre 1943 a 1945, teve sua segunda Interventoria no Estado. Em 1947, ganhou eleição para o cargo de Senador, através do Partido Social Democrata (PSD), sendo reeleito em 1954. Por fim, teve o seu terceiro e último mandato como governador constitucional 1955 a 1959. Na sua dedicação pela vida política, morreu em exercício do seu mandato, em 1959 aos 71 anos.

1.2.2 Uma serpente venenosíssima: Paulo Maranhão

No meio dessa desova aparece agora um ovo diferente, que ninguém esperava e que se não for esmagado a tempo e atirado ao lixo da praia, quando furar a casca o seu conteúdo devorará toda a safra, porque nele está se gerando é uma serpente venenosíssima, que é Paulo Maranhão. (O LIBERAL, 16 novembro, 1946a, p. 1).

João Paulo de Albuquerque Maranhão nasceu em Belém do Pará, em 11 de abril de 1872. Embora fosse apaixonado pela arte da imprensa, sendo ele de raízes humildes, precisou

trabalhar para se sustentar. A princípio, trabalhou como aprendiz de torneiro de metais e serralheiro e se dedicava aos estudos. Posteriormente, trabalhou em serviços de embarcações, mas, ainda em sua juventude, ligou-se ao mundo dos jornais e as práticas da escrita, e seu fascínio por jornais fez com que deixasse o emprego de embarcadiço e se voltasse para a vivência jornalística (ROCQUE, 1967), começando sua carreira no mundo das publicações como distribuidor da revista *Arena*, que era impressa na oficina do jornal *Diário de Belém* a qual passou a colaborar gratuitamente “[...] somente pelo prazer de estar na convivência de um órgão de imprensa.” (ROCQUE, 1967, p. 1071).

Sua aptidão pelas letras o fez estudar literatura e, com 17 anos, ingressou como suplente de repórter no *Diário do Grão-Pará*, logo mudando para a redação de *A república*, na qual chegou ao nível de diretor no ano de 1893. As revistas e livros também estavam na sua vida de escritor, conforme pode ser visto em análise no jornal o *Diário de Notícias* (1891) na qual o anunciava como proprietário da revista mensal, “aguas fortes”. Nesse mesmo jornal, Paulo maranhão publicava contos, como por exemplo: *Os Casos de Luiza, Bilis, a literata e Os Teu anos*.

Dedicou-se a escrever livros de cunho eróticos, e *Coisas Proibidas* foi a obra que revelava um Paulo Maranhão que a sociedade poderia se escandalizar. Essa obra mereceu o seguinte comentário: “[...] que só poderão ler os espíritos extravagantes, e nunca gente séria e moralista.” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1891, p. 2).

Paulo Maranhão também foi professor temporário na escola elementar de Maú, município de Marapanin (PA), depois em Capi (PA) e, um ano mais tarde, já como professor efetivo, passou a dar aulas em Quitéria, município de Viseu (PA) (PAULO..., 2018). Em 1920, o governador do Estado, Lauro Sodré, ao comunicar as normas de conduta aos Membros do Congresso, citou os fazeres de Paulo Maranhão como professor:

O atual diretor da instrução primaria, o professor Paulo Maranhão, cuja dedicação pelos interesses do ensino é de todos conhecida, organizou uma serie de conferencias pedagógicas, nas quais várias e interessantes teses têm sido tratadas por professores e intelectuais com a real vantagem para o magistério. (SODRÉ, 1920, p. 72).

O ensino primário no Estado do Pará estava sob sua direção por quatros anos e alcançou incentivos para a educação, reuniões com professores, com alunos, verbas escolares e estudantis.

Aos 47 anos, tornou-se diretor-proprietário da *Folha do Norte* (ROCQUE, 1967). Também esteve envolvido na política, sendo eleito Deputado Federal em 1924 e reeleito em

1927 e 1930. Na década de 40, tentou se candidatar ao Senado, no pleito de 1947, através do Partido Social Progressista (PSP), não sendo eleito ao ser derrotado pelo Partido Social Democrata (PSD), mas em 1950, reelegeu-se novamente Deputado Federal. Faleceu em 1966 aos 94 anos.

1.3 Foliculário da 1º de Março – O Jornal Folha do Norte

Com o seu surgimento em 01 de janeiro de 1896, o referente jornal tinha como tarefa concorrer para o progresso e o engrandecimento da região Amazônica. Em “*nosso aparecimento*” o jornal explica que venceu as dificuldades inerentes à fundação de um jornal, julgando ter a orientação perfeita para um jornalismo moderno (FOLHA DO NORTE, 3 jan. 1896a, p. 2). O seu surgimento foi repercutido em Belém em 1896.

O jornal se denominava como informativo, imparcial e independente. Acolhendo composições literárias e científicas e desenvolvia notícias sobre o comércio de Belém. Entretanto, mesmo com sua titulação de “imparcialidade”, o jornal não se ausentava de ecoar sua posição política, pois, para a vertente do jornal “[...] ser imparcial não é ser mudo, antes pelo contrário é ter ensejo para dizer e apreciar tudo quando se sabe.” (FOLHA DO NORTE, 24 jan. 1896b, p. 1).

Seguindo essa linha, desde seu surgimento, nota-se que sua trajetória foi marcada por desavenças políticas, entre seus fundadores/diretores¹⁴ contra governos que administraram o Estado do Pará, pois mesmo sendo um jornal que divulgava assuntos do cotidiano paraense, estava estritamente elencado com a política, uma vez que a *Folha do Norte* defendia o Partido Republicano Federal, tendo como principal vertente editorial fazer oposição a Antônio Lemos e para divulgações das ideias do PRF, chefiado por Lauro Sodré e depois por Paes de Carvalho (MATOS, 2012).

¹⁴ Antônio Lemos, na condição de administrador político da época (1897-1911) e os governadores Paes de Carvalho (1897-1901) e Augusto Montenegro (1901-1909) foram alvos prediletos das críticas disparadas por Enéas Martins e Cipriano Santos, sócios e fundadores da *Folha do Norte* (SILVA, 2011, p. 2).

Imagem 5 – Folha do Norte e sua primeira página



Fonte: Setor de Microfilmagem. Biblioteca Arthur Viana (2019).

A partir de 1919, o jornal é adquirido pelo jornalista Paulo Maranhão, passando a ser o proprietário e mudou parcialmente a linha editorial do jornal, mas levando o costume de exercer sua influência no destino da política paraense (MEDINA, 2010). Com a chegada da década de 1930, a *Folha do Norte* volta a estar no palco de conflitos fazendo oposição política. Em seus 78 anos de existência, a *Folha do Norte* suportou a consequência de estar elencada com a política, sendo: censurada, vigiada, seu prédio atacado.

1.4 O Folhetim do Órgão Social Democrático – O Liberal

15 de novembro é a data histórica da transição política brasileira, pois nessa data é comemorada a proclamação da República. É também uma data histórica para a imprensa paraense, que, no ano de 1946, marcava o surgimento do jornal *O Liberal*. Data escolhida não à toa para marcar o seu surgimento do novo matutino. A pretensão de que estava “[...] surgindo neste instante histórico da vida brasileira, *O LIBERAL*, tem um grande programa a desenvolver em benefício do povo e da soberania nacional.” (O LIBERAL, 15 nov. 1946b, p. 1).

O Liberal surge, juntamente com a redemocratização do Brasil, um ano após a queda do Estado do Estado Novo, aliado com o partido que Magalhães Barata liderava no Pará, o Partido Social Democrata (PSD).

Imagem 6 – O Liberal e sua primeira edição



Fonte: Setor de Microfilmagem. Biblioteca Arthur Viana (2018).

Tendo como Redator-Chefe Lindolfo Mesquita, esse órgão da imprensa ligado ao Partido Social Democrata, surgiu como revide para ecoar a voz política de Magalhães Barata e de seus correligionários. Seu surgimento ocorreu devido à luta entre grupos políticos. “O jornal surgiu para rebater as críticas, às vezes, violentíssimas, desferidas pelo jornal *Folha do Norte*, matutino que pertencia à família do jornalista Paulo Maranhão, que atacava politicamente o ex-interventor do Estado Magalhães Barata.” (SANTOS, 2017, p. 1).

Como o próprio nome justifica, esse jornal foi criado em 1946 para dar sustentação ao Partido Liberal – assim era chamado o PSD (Partido Social Democrático). Entre os demais fundadores estavam figuras como Magalhães Barata [...] O caráter ideológico implantado inicialmente pelo Liberal contribuiu para transformá-lo em alvos de perseguições políticas por partes dos seus adversários. (LUFT, 2005, p. 24).

O Liberal surge dando destaque para as seguintes manchetes: Pacificação da Família Paraense; Candidatura Moura Carvalho; Elogios ao P.S.D e grandes obras de Magalhães Barata. Os embates políticos ocorridos entre Paulo Maranhão e Magalhães Barata na década

de 1930, renovaram-se na década de 1940, e agora, ambos se solidificam iguais, no mesmo nível de suporte, pois cada lado utilizava seus jornais como meios de comunicação de massa para discursarem suas vertentes políticas.

Imagem 7 – Fotografia de Magalhães Barata



Fonte: Setor de Microfilmagem. Biblioteca Arthur Viana (2018).

CAPÍTULO – 2

DOIS PERSONAGENS E SEUS EMBATES – O cucaracha e o velho rosnador



APRESENTAÇÃO

Neste capítulo, serão apresentadas as práticas dos protagonistas que movimentaram a política e a cidade de Belém nos anos de 1930. Será abordada a forma que Paulo Maranhão combatia, escrevendo em seu jornal, a política de Magalhães Barata, assim como a sua forma de governar e combater as críticas da *Folha do Norte*. Serão relatados os ataques entre ambos e a deportação de Magalhães Barata da política devido aos duros conflitos que foram os anos trinta. Observou-se a criação da imagem que a



Folha do Norte tentava transmitir sobre Magalhães Barata, dando ênfase as análises feitas no jornal *Folha do Norte* que criticava Magalhães Barata, avaliando os telegramas que o então Major, enviou a Getúlio Vargas partindo em sua defesa. É através desse contexto que é possível entender o último capítulo da pesquisa, que avalia o surgimento de seu próprio jornal, *O Liberal*.

2.1 A gênese em 1933 – Magalhães Barata e Paulo Maranhão, cada um o seu bocado

As eleições constituintes¹⁵ de maio de 1933 no Estado do Pará representaram o início de um embate de dois personagens que mantiveram aversão até o fim de suas vidas: Magalhães Barata e Paulo Maranhão.

A partir do momento em que Magalhães Barata, na autoridade de Interventor Federal, em 2 de maio de 1933, emitiu uma nota oficial avisando que aqueles funcionários públicos que não votassem nas eleições para constituintes seriam punidos (ROCQUE, 1999). Paulo Maranhão encontrou nas palavras proferidas pelo o Interventor, atitudes de ameaças punitivas e intimidação. O jornalista considerou essa atitude do Sr. Interventor como “monstruosidade em projeto”, frase escrita pelo mesmo ao longo da sua crítica redigida no seu jornal.

Tem causado a pior impressão o ato do Sr. Interventor, mandando que cada chefe de repartição apure, pelo exame dos títulos eleitorais, se os respectivos funcionários votaram ou não no pleito de 3 de maio. Pretende o Sr. Interventor, continuando a série de atos condenáveis de sua administração, que já deviam ter tido um termo, refletindo a tendência geral da nação, que é querer a lei e não o arbítrio, e de alguns dos quais S. Exa., já tem feito ‘amende honorable’, punir com a suspensão ou a privação de vencimentos ao servidor do Estado que por qualquer circunstância, não foi às urnas. (FOLHA DO NORTE, 4/05/1933a, p.1).

O jornalista não se omitiu diante de tais atitudes, contudo, pagou um custo alto pela manifestação na qual criticava a atitude do interventor. Quando o jornal chegou às mãos de Magalhães Barata, esse não gostou da declaração de Paulo Maranhão e determinou que, por 4 dias, a *Folha do Norte* fosse proibida de circular. “A partir de então estava decretada a guerra entre Paulo Maranhão e Magalhães Barata, que durou até a morte deste, em maio de 1959.” (ROCQUE, 2001, p. 162).

Com efeito, o interventor deu início ao primeiro de vários atos de censura contra a *Folha do Norte*. Justificando sua atitude de censura ao jornal, o Interventor dirigiu um telegrama ao chefe do Governo Provisório, Getúlio Vargas, reportando que “[...] vi-me obrigado ordenar suspensão [do] matutino *Folha do Norte* por quatro dias, virtude publicação esse jornal tem artigo desabrido achincalhante contra mim.” (BARATA, 16 maio 1933).¹⁶

Após o acontecimento da restrição de acesso às repartições estaduais, Paulo Maranhão, em viagem ao Rio de Janeiro, foi coibido de retornar à Belém. Em tal caso, o interventor Magalhães Barata já era vencedor da constituinte, e em virtude disso, solicitou ao

¹⁵ As eleições Constituintes ocorrida em 3 de maio de 1933, sob a égide da Assembleia Nacional Constituinte encarregada de elaborar a nova Constituição brasileira que iria substituir a Constituição de 1891 (FUNDAÇÃO..., 2017).

¹⁶ Anexo C

ministro da justiça na época, a impedição do retorno do jornalista. A “*FOLHA*” novamente seguiu apreendida e proibida de circular e somente poderia voltar às ruas se retirasse do cabeçalho do Jornal o nome de Paulo Maranhão, o que efetivamente aconteceu, concedendo ao filho de Paulo Maranhão, Clóvis Maranhão, a responsabilidade de liderar o jornal (ROCQUE, 1999). Contudo, ao voltar à Capital paraense, Paulo Maranhão não se emudeceu diante das ações do interventor (o major), no entanto, prosseguiu registrando seus enunciados à *Folha do Norte*.

A forma como a *Folha do Norte* posicionava-se contra o interventor, de maneira indireta e até mesmo sarcástica, resultava de repulsa contra o poder ditatorial que Magalhães Barata travou contra Paulo Maranhão e o jornal. Algumas indiretas na *Folha do Norte*, apareciam na capa de forma bem evidenciada em letras garrafais, como forma de chamar a atenção do leitor. Destaca-se a seguinte: “Quando o governo impede ou tenta impedir a crítica da imprensa livre é porque tem medo da luz e da verdade.” (FOLHA DO NORTE, 09/10/1934a, p. 1). Outro exemplo é uma notícia estampada de “Serviço telegraphico”, que mostra uma das maneiras que a *Folha* tecia por meio de “historinhas” negativas contra Magalhães Barata:

Certo cidadão do Pará que ali granjeou atentada fortuna no comercio e hoje vive retirado em Portugal doou ao hospital Beneficente portuguesa mais de 500 contos de réis em prédios naquela capital e em Manaus. Como compensação o doador pede apenas duas coisas, pequenas: a primeira, que a Beneficente portuguesa lhe reserve um quarto do mais modesto na previsão, talvez, de que o generoso cavalheiro volte para lá, adoeça e não encontre um leito, admitida. A segunda coisa é que deveras tem seu sabor: pede ele á Beneficente Portuguesa que enquanto viver esteja onde estiver lhe remeta pontualmente a FOLHA DO NORTE, jornal de sua predileção. Eis um pequeno Mecenaz da imprensa um homem que tem predileção por um jornal e a confessa. Não há dúvidas: *esse dadivoso cavalheiro poderia ser tudo no Brasil, menos interventor Federal – Isto não!* (FOLHA DO NORTE, 07/08/1934b, p. 3, grifo do autor).

Segundo Rocque (1999, p. 255), “A *Folha do Norte*, com o regresso de Paulo Maranhão para Belém, abriu dez vezes suas baterias contra Barata [...]” e sofreu consequências sérias a partir desses atos, desde a violência contra seu patrimônio e a busca da desmoralização de Paulo Maranhão. O ponto de partida para esse conflito de 1934 é o encontro de Baratas e opositores, nas redondezas da cafeteria Manduca¹⁷, em que após discussão política, houve caso de assassinato de um dos envolvidos na discussão, o candidato

¹⁷ Localizava-se na esquina da Travessa Campos Sales com a rua 13 de maio. Era point de jornalistas e políticos, tendo seu fechamento na década de 1970.

a deputado estadual, pelo Partido Liberal, José Avelino, situação que recaiu sobre Paulo Maranhão, mesmo esse não estando na hora do crime.

O policial que efetuou a prisão do jornalista, Poty Fernandes, em entrevista concedida a Rocque, perguntou “Mas por que, se o velho Maranhão não estava no lugar do crime e não havia contra ele qualquer relação com a tragédia em que sucumbira José Avelino?” Poty revela: “Por nada. Não havia acusação nenhuma. Foi apenas para tentar desmoralizá-lo [...] Ele foi colocado em uma cela especial, nos altos da central.” (ROCQUE, 1999, p. 262).

Uma das implicações faz relação à ordem de prisão e ataque ao prédio do jornal *Folha do Norte*, precedido de interdição. Ambas as ocasiões ocorreram no dia 22 de setembro de 1934. Em telegrama enviado ao Presidente Getúlio Vargas, o secretário da *Folha do Norte*, Cyro Proença, descreveu o acontecimento que assolou o prédio do jornal:

Três da madrugada a Folha atacada [por] tiros de fuzis metralhadoras, apesar de ficar a Chefia da Polícia dois quarteirões distante do jornal, embora a sirene do Jornal buzinando permanentemente insistentemente afim de denunciar ocorrências anormais, somente essa hora, as cinco da manhã, a polícia compareceu. (PROENÇA, 24 set. 1934).¹⁸

Após sua prisão e o ataque ao jornal, Paulo Maranhão recebeu o “*habeas corpus*” após três dias de detenção e soube que a *Folha do Norte* poderia voltar a circular livremente por meio do mandado de segurança (ROCQUE, 1999), mas com a sua livre circulação, o jornal chamou a atenção para o caso de autoridades policiais estarem fiscalizando seus exemplares, assim vindo a público informar aos leitores a censura que estava vivenciando:

A despeito de ter o Tribunal Eleitoral concedido à FOLHA DO NORTE um mandado de segurança para que ela pudesse livremente circular, continuamos diariamente sob o exame de censura policial [...] de modo que o nosso mandado de segurança e quase um mandado de insegurança, pelo modo por que a autoridade do Estado do Pará o está cumprindo, exercendo sobre o jornal a censura draconiana como se estivéssemos em pleno regimento arbítrio. (FOLHA DO NORTE, 06/10/1934c, p.1).

A censura policial que a “*FOLHA*” cita se refere à forma que o jornal estaria sendo analisado por autoridades policiais, no caso, a “*FOLHA*”, descreve que o delegado Pedro Guabiraba lia os exemplares e levava as autoridades maiores como superintendente da polícia para análise, para que depois permitissem a circulação. Essa ação passou a ser descrita regularmente nas páginas da *Folha do Norte*. Mediante à declaração de censura policial, segue-se a seguinte interpretação da “*FOLHA*”:

¹⁸ Anexo D

Como sucedera anteontem, o Sr. Pedro Guabiraba, 1º delegado, veio ontem, às 5:12 da manhã, de automóvel, á porta do nosso edifício e mandou pedir ao serviço de impressão um exemplar, que lhe foi remetido. Passou-lhe uma vista, no automóvel mesmo, e depois partiu não sabemos para onde, voltando algum tempo depois, com a ordem de que podia circular! E só então pode a máquina imprimir a edição. (FOLHA DO NORTE, 07/10/ 1934d, p.1).

A cada forma de vigilância, a “*FOLHA*” expressava-se da seguinte forma: “Como nos dias anteriores, o Dr. Pedro Guabiraba veio ontem pela madrugada, até o edifício da “*FOLHA*” pedir um exemplar da edição que se ia imprimir, a fim de ser examinado pelo sr. Chefe de Polícia.” (FOLHA DO NORTE, 07/10/1934d, p. 1).

Após o episódio de prisão e o ataque sofrido, observamos que o ano de 1934 ficou registrado como um dos mais agitados, em virtude da violência escrita e física entre Barata e seus perseguidores, e, por esse motivo, a “*FOLHA*” diariamente publicava telegramas de solidariedade, apoio e pesar que foram enviados a Paulo Maranhão pelo ocorrido naquele 22 de setembro, como o de autoria de José Ribeiro, o qual dar a entender que ele estava falando diretamente de Magalhães Barata como o inimigo da perseguição, como é descrito na *Folha*: “Estou hoje mais que do que nunca aliado aos heroicos companheiros, na luta contra o inimigo comum e perseguidor contumaz.” (FOLHA DO NORTE, 07/10/1934d, p. 1).

Sem citar o nome de Magalhães Barata, o jornal *O Paiz* enviou um telegrama para os editores da *FOLHA* como forma de demonstrar sua solidariedade com os jornalistas paraenses que sofreram o atentado, expressando sua repulsa contra os atos do Interventor. A correspondência deixava claro que o interventor era habituado nas práticas repressivas.

Demos acolhida aos reclamos dos jornalistas do Pará, como daremos a todas as reclamações dos nossos colegas de imprensa [...] o procedimento desse interventor contumaz em violências da mesma natureza dispensa maiores comentários. (FOLHA DO NORTE, 10/10/1934e, p.1).

Um dos telegramas que chamou atenção e que foi publicado na primeira página da *Folha do Norte* foi de autoria de João Malato, retratando a forma como o poder Baratista se posicionava:

Nestes quatro anos no Pará tem se visto tudo: menos ordem, menos paz, menos decoro, menos sinceridade e menos critério! O que se tem visto é um governo que mente por qualquer motivo, e se desmanda sem razão nenhuma. E prega a desordem a todos os instaurados e assegura a impunidade a todos os seus fâmulos. (FOLHA DO NORTE, 13/10/1934f).

O ano de 1935 marcou esses conflitos com as eleições de abril da Constituinte paraense, que consistia “[...] além de elaborar a Constituição estadual, tinha a atribuição de eleger o governador constitucional do estado e dois senadores.” (ABREU, 2015, p. 74).

Para disputar a eleição para o governo e para o senado, alguns partidos se filiaram ao Partido Liberal, apoiando a candidatura de Magalhães Barata, que disputou as eleições contra Abel Chermont, do Partido Frente Única Paraense. Contudo, na madrugada do dia 4 de abril, o Partido Liberal “perde” sete dos seus deputados, que desistindo de apoiar a candidatura de Magalhães Barata, passaram a apoiar a Frente Única Paraense (ROCQUE, 1991, p. 281), o que significou uma grande ameaça para o Partido Liberal, que, agora, encontrava-se diminuído em números se comparado a Frente Única Paraense. Vale ressaltar que os deputados que desistiram de apoiar o Partido Liberal foram proibidos de entrar na Assembleia, mas logo solicitaram *habeas corpus* para que pudessem exercer seu direito de voto.

Neste espaço de tempo, o presidente da Assembleia, Ápio Medrato, que também era do Partido Liberal, reuniu o plenário e convocou substitutos de forma que houvesse a eleição. “O Partido Liberal convocou os suplentes e, conseguindo o quórum necessário, instalou à tarde, a Constituinte e elegeu Barata, dando-lhe imediatamente a posse.” (ROCQUE, 1999, p. 282), o que não foi bem visto pela oposição, Frente Única Paraense, que julgou o ato ilegal e assim convocou uma nova reunião na Assembleia para o dia 5.

O dia 5 de abril ficaria marcado como o dia fatídico em que o governo de Barata perderia seu posto, uma vez que, os opositores da frente única estavam se dirigindo à Assembleia, amparados pela justiça contando com o presidente do Tribunal Eleitoral e o exército, conforme Rocque relata (1999, p. 282). Logo, foram impedidos por populares que “[...] tentaram impedir que continuassem a caminhar. E a violência campeou, com tiros, correrias, agressões e tudo o de direito em tais ocasiões.”. O acontecimento foi repercutido em diversos jornais brasileiros, que relatavam sobre mortos e feridos ocasionado no confronto.

O jornal *Correio Paulistano* noticiou sobre o caso, trazendo como título “o interventor Barata ensanguentou o Pará”, em que noticiava o estado que ficou a capital. “Telegrama de Belém anuncia que se produziu conflito defronte da Assembleia, quando os deputados opositores para ali se dirigiam. Ficaram feridos 5 constituintes da oposição, Mac Dowell, Abelardo Conduru e Sousa Castro.” (CORREIO PAULISTA, 06/05/1935, p. 1).

Esses fatos repercutiram intensamente no cenário político nacional, com a imediata exoneração de Magalhães Barata do cargo de interventor do Pará. Após o evento conflituoso, Getúlio Vargas, sabendo do ocorrido, interveio para que os partidos envolvidos (Partido Liberal e Frente Única) entrassem em acordo para uma terceira escolha de interventor que viesse a assumir o governo do Pará, o que resultou na nomeação, em 28 de abril, de Carneiro da Gama Malcher, como novo interventor paraense (VEIGA, 2018).

Imagem 8 – Folha do Norte e a censura do Sr. Barata

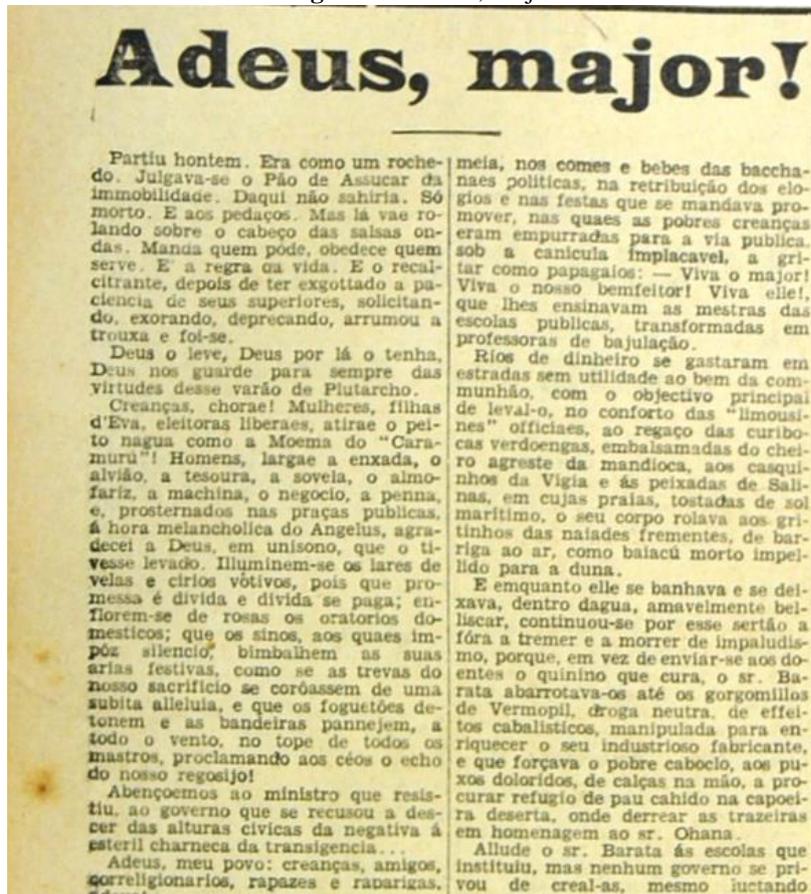


Fonte: Hemeroteca, Biblioteca Arthur Viana (2020).

Após a saída de Barata, a “*FOLHA*”, agora livre do poder Baratista, informou em suas páginas a censura que sofrera quando o ex-interventor estava no poder. Na coluna “Factos contra a palavra” as letras em maiúsculo chamavam a atenção para a notícia que afirmava: “O Sr Barata, quando interventor, suspendeu a circulação, impôs severa censura e confiscou jornais - Desacatou, prendeu e deportou jornalistas – Um mau quarto de hora para a imprensa Paraense.” (FOLHA DO NORTE, 01/10/1935a, p. 3).

Magalhães Barata, agora ex-interventor, partiu para o Rio de Janeiro no dia 14 de novembro de 1935, notícia que foi veiculada no jornal *Folha do Norte* intitulada de “adeus, Major!”

Imagem 9 – Adeus, Major!



Fonte: Setor de Microfilmagem. Biblioteca Arthur Viana (2018).

Em tons de ironia, o “Adeus” se referia à Barata como o ditador orgulhoso, que agora viu sua autoridade se perdendo pelas consequências de um governo abusivo.

Partiu ontem, Era como um rochedo. Julgava-se o Pão de açúcar da imobilidade. Daqui não sairia. Só morto. E aos pedaços. Mas lá vai rolando sobre o cabeça das salsas ondas. Manda quem pode, obedece quem tem serve. É a regra da vida. E o recalcitrante, depois de ter esgotado a paciência de seus superiores, solicitando, exonerando, deprecando, arrumou a mala e foi-se. (FOLHA DO NORTE, 15/11/1935b, p. 1).

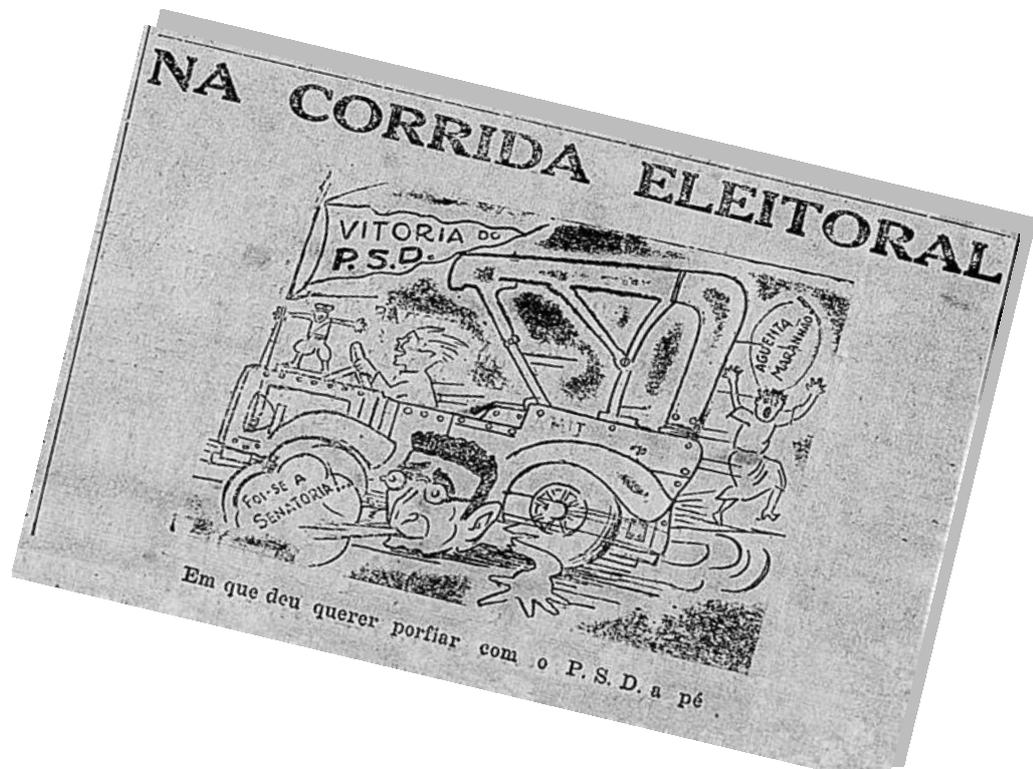
Nessas “teias” de notícias, com tons irônicos, crítica e risos, Magalhães Barata partiu para o Rio de Janeiro. O então novo interventor se estabeleceu no governo de 1935 a 1943, mantendo-se neutro no poder. A *Folha do Norte* noticiava seus fazeres na capital e suas viagens pelo interior do estado paraense, entretanto, com o início da Segunda Guerra Mundial, na década de 40, Getúlio Vargas nomeou novamente Magalhães Barata para a interventoria Paraense. Em virtude dos fatos mencionados, os conflitos dos anos 30 irão ressurgir na década seguinte, com a volta de Magalhães Barata, que retorna com um novo artifício em mãos: o seu próprio jornal, denominado de *O Liberal*, órgão noticioso pelo qual procurou duelar de igual para igual com a *Folha do Norte*.

CAPÍTULO – 3

O NOVO EMBATE – A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE MAGALHÃES BARATA

APRESENTAÇÃO

As imagens de Magalhães Barata, que antecedem este parágrafo, simbolizam a proposta do presente capítulo, uma análise comparativa que abordará como os jornais *Folha do Norte* e *O Liberal* se empenharam em levar ao público a ideia de quem era Magalhães Barata. Nesse percurso de visibilizar a sua forma de fazer política, os referentes jornais começaram a usar de suas estratégias de embate, desde a construção da imagem do político Magalhães Barata com todos os seus contextos de fotografias e de discursos jornalísticos e principalmente nas manchetes jornalísticas que levam à análise e reflexão de como ocorreu essas lutas por meio dos jornais.



3.1 Cão que ladra, não morde – o espetáculo político nos jornais

O jornalismo impresso tem especial importância e repercussão na área política, com laços historicamente firmados e legitimados. Acertou-se, ao longo do processo histórico entre jornalismo e política, um elo interativo, num complexo e intrincado sistema de ação e reação que acaba expresso no que chamaremos de atitude noticiosa (BARRETO, 2006).

Como um teatro performático, no qual são discutidos e debatidos entre os periódicos, a circulação dos jornais é levada ao público que gera o burburinho sobre o assunto debatido “[...] ao fazerem dos insultos e das chacotas, dos xingamentos e das bravatas o tema fundamental da imprensa, os jornais se incluem na ordem do dia, sendo objeto das conversas e dos casos que se contam pela cidade.” (BARBOSA, 2010, p. 49). O debate discursivo, presente nos embates, desempenha sua influência social e seus geradores sabendo do poder dos seus discursos, e, ao analisarmos as manchetes, podemos observar que os jornais se esmeram na criatividade para conseguir a atenção do leitor.

Em sua abordagem com relação do jornalismo com o poder, Luft (2005), entender-se que o desenvolvimento de grande parte da imprensa no Pará tem sido um processo do reflexo. A tradição dos jornais surgirem por questões políticas é um fato que veremos novamente presente na década de 1940.

Parafraseando a abordagem de Gomes (2004), a política é encenada como um espetáculo público, uma vez que o universo político é constituído de uma variedade de enredos, múltiplos personagens, cenários, antagonistas, protagonistas, peripécias e desenlaces.

O jornal impresso era de extrema importância para o espetáculo da política na década de 40, pois recebia olhares mais atentos devido ao novo papel que a imprensa ostentava na época, uma vez que “[...] a imprensa deveria ter a função pública de apoiar o governo e auxiliar no projeto nacional.” (ARAUJO, 2000, p. 38). Esse novo papel da imprensa surgiu no período da política do Estado Novo, no qual os meios de comunicação ganhavam relevo na difusão da ideologia estadonovista, fundamental para a formatação do pensamento conservador brasileiro (BARBOSA, 2006).

Na respectiva década, os jornais surgiam como um dos favoritos meios de informação, perdendo apenas para o rádio, que conseguia o papel de protagonista por alcançar um público diversificado, uma vez que o jornal para Garcia (2005, p. 10) “[...] tinham sua função a de formar a maior parte das ideias e convicções dos indivíduos e, com isso, orientar todo o seu comportamento social.”. Mesmo com parte da população iletrada, os jornais ainda

conseguiam ter seu papel de destaque na sociedade. Notícias lidas podiam circular por meio de burburinhos, conversas e assim virar notícias do cotidiano na fala do povo.

3.3 Chega o triunfador com seu verdugo

Em 1947, o jornal *Folha do Norte*, partindo do apoio e campanha em suas páginas para o Partido Social Progressista (P.S.P) com o discurso de batalhar pela liberdade e implantação democrática em nossa terra. Os cargos de Senador Federal Suplente, Governador do Estado e Deputados à Assembleia Legislativa. Seriam disputados respectivamente por Paulo Maranhão; Alexandre Zacarias de Assumpção; Benedito de Castro Frade e major Otávio Ismaelino Sarmiento de Castro. Em oposição, o jornal *O Liberal* com o Partido Social Democrata (P.S.D) trazia para Governador, Major Luiz Geolás de Moura Carvalho, Senador José de Augusto Meira Dantas e Suplente Sinval da Silva Coutinho.

Veiga (2018) aborda justamente esta bipolarização partidárias: de um lado, o Partido Social democrata (P.S.D); e de outro, todos os demais partidos, dentro de um amplo espectro ideológico, aglutinados em torno da autodenominada Coligação Democrática Paraense. Essa bipolarização tem sua gênese desde a ascensão de Magalhães Barata na década de 1930.

A *Folha do Norte*, que já havia utilizado suas páginas na década de 30 para combater a política de Magalhães Barata, reacendeu uma nova luta em oposição à Barata em novos embates jornalísticos. O embate discursivo não apenas buscava desmoralizar unicamente Magalhães Barata, mas tudo aquilo que o rodeava: *O Liberal*, Moura Carvalho e os baratistas.

Dessa forma, em primeira página, *O Liberal* estampou através da manchete “o nosso objetivo”, na qual expressava o véis de sua fundamentação e circulação periódica:

Não era possível permanecermos até agora em silêncio, sem uma voz no seio da imprensa local, que fosse inteiramente nossa, para dizer diretamente dos nossos anseios e ideias ou repelir altivamente os ataques injustos dos que contra nós e os nossos amigos se atiram, na certeza da impunidade. (O LIBERAL, 15 de nov. 1946b, p. 1).

Parafrazeando a respectiva coluna, o texto exclamava que o jornal partia de autodefesa contra certa imprensa local e que saberiam revidar as afrontas e infâmias dos seus detratores. Porém, no véis da sua luta jornalística, não usariam de linguagens imorais, mas sim com a elevação da linguagem. É interessante destacar que a coluna deixa explícita sua insinuação contra o jornal de oposição, mas sem citar nomes, por meio de predicados como “o adversário”, “essa raça de pseudojornalistas” e “Forgicadores de escândalos”.

É interessante também frisar, nas análises feitas sobre esta primeira circulação, as matérias jornalísticas que se davam apenas no teor político, proporcionando apenas algumas

aberturas para anúncios publicitários entorno de 9 anúncios e, logo em seguida, voltavam com manchetes em letras garrafais fazendo novamente sua defesa jornalística:

Somos fortes e, portanto, generosos. Não temos porque temer. Nossa conduta será serena e elevada; nossa linguagem, digna da nossa cultura e da nossa tradição; mas seremos intransigentes quando a verdade for deturpada, quando o direito e o respeito alheios forem espezinhados. (O LIBERAL, 15 de nov. 1946b, p. 6).

Por certo, o jornal *O Liberal* não escondia sua posição partidária em favor de Magalhães Barata, dando voz e audiência à sua figura. Podemos perceber que, em sua primeira circulação, veio impressa a foto do então Senador em primeira página (**Imagem 10**), as declarações de boas-vindas pelo seu retorno que ocorreria à capital paraense, pelo enunciado “Seja bem-vindo triunfador!”.

Imagem 10 – O Retorno do “triunfador”



Fonte: Hemeroteca digital Biblioteca Nacional (2018).

A respectiva matéria não mediu adjetivos ao político em seu retorno ao Estado. Entre os adjetivos de “invencível” e “inconfundível” para com Magalhães Barata, o jornal fazia a inauguração da sua periodicidade, na qual podemos perceber que em seus dois primeiros números de circulação publicou a foto do mesmo em suas páginas.

Imagem 11 – A chegada do “prestigioso” homem Político



Fonte: Hemeroteca digital Biblioteca Nacional (2018).

Imagem 12 – Barata estampado no O Liberal



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Viana (2020).

O jornal *O Liberal* divulgava a imagem de Magalhães Barata sempre sorridente e alinhado com ar de seriedade em suas páginas. Fotos repetidas eram constantemente divulgadas em meios aos noticiários, promovendo a imagem do “triunfador”, um dos adjetivos semeado pelas notícias e manchetes do jornal.

Em contrapartida à *Folha do Norte*, em suas edições daquele mês, nada noticiou sobre a volta de Magalhães Barata, contudo, as páginas do jornal *O Liberal* não se limitavam em falar sobre os ataques da “*Folha*”.

As “Folhas” são desmoralizadas; os seus exploradores – o decrepito famoso, hediondo chantagista Paulo Maranhão e seu dileto filho, o “João charutinho” não tem caráter, nem a dignidade que lhes permita ombrear, mesmo com o pior dos malfeitores [...] Pai e filho formam uma dupla de salteadores de imprensa, coração de sílex e tripa fora á custa de chantagem dos seus jornais. (O LIBERAL, 18 de nov., 1946c, p. 1).

Analisar os discursos jornalísticos presentes nas manchetes cotidianas publicadas pelos dois jornais nos permite observar como os argumentos e contra-argumentos a respeito de Magalhães Barata se tornaram um espetáculo para os leitores paraenses que consumiam os respectivos jornais. Enquanto isso, a *Folha do Norte* nada noticiava sobre o surgimento de *O Liberal* e a volta “triumfal” de Magalhães Barata. A *Folha* noticiava apenas assuntos do cotidiano em âmbito local, nacional e mundial.

Entretanto, esse silêncio sobre a volta de Magalhães Barata não foi em vão. Em dezembro do mesmo ano (1946), exatamente um mês após o surgimento de *O Liberal*, em 15 de dezembro de 1946¹⁹, o jornal de Paulo Maranhão veio com manchetes em letras garrafais com destaque em vermelho: “Histórico de etapas administrativas que se macularam no vermelho do ódio e na lama da corrupção”, noticiando toda a trajetória de Magalhães Barata, trajetória não benevolente, mas de etapas negativas que movimentaram o caos da cidade e da política paraense.

¹⁹ Ver anexo E

Imagem 14 – Folha do Norte 15 de dezembro de 1946

Diretor — PAULO MARANHÃO PARA-BELEM — Domingo, 15 de dezembro de 1946 Gerente — JOÃO MARANHÃO

VAIÊMO-LO, ACUSANDO-O E PUNINDO-O!

O povo de Belém apupou, há dias, em nossas casas de diversões, o sr. Magalhães Barata, ao surgir ele num filme, ainda da velha técnica dos celuloides mudos, a trejelitar a boca e a sacudir terrivelmente os braços — cena fixada pelo operador cinematográfico em frente ao Palácio do Governo, à tarde de 19 do expirante, quando o interventor paraense falava às turbas, no comício comemorativo do natalício do presidente Getúlio Vargas.

Tal expansão do espírito popular é irreprimível e justificável, porque só assim — desde que por outro modo a consciência coletiva não logra impôr a sua sentença condenatória — podem pro-

testar, os que padecem, contra a implacável iniquidade do verdugo.

Verdade, porém, é que, de permoio com a surriada do povo, o nosso algoz precisa ouvir o clamor das acusações, acusações que se hão de avolumar com o correr dos dias, dada a sequência de novos desatinos do insensato, até que Deus, apiedado da nossa desventura, ataste em definitivo, do caminho por onde trilhamos, o malfetor que tantos danos sobre nós tem despejado.

Fomentador contumaz da discórdia, semeador incontentado de ódio, humilhando vencidos, arrebatando e negando o direito dos outros, vingando-se até dos mais remotos descendentes de seus inimigos, Magalhães Barata pagará nesta terra, que ele degrada e envergonha, todos os crimes que perpetrou, dentre o incontável número dos quais nos ocorre relacionar os seguintes:

1) — A defesa d' "A Província", de que foi incumbido, como aspi-

rante do 47.º Batalhão de Caçadores, na noite de 29 de agosto de 1911, em que se incendiou esse jornal, defesa a que se esquivou, por maldade, chegando ao local no momento em que as chamas já haviam devorado quase inteiramente o edifício;

2) — Os assaltos e pilhagens às canoas dos pobres vendedores de farinha, no Olopoque, em 1915;

3) — O ataque à Faculdade de Medicina da Baía, em 1915, num revoltante descaço à veneranda congregação dessa casa de ensino, indignidade que repugnou aos meios cultos do País;

4) — A depredação, em 1917, do bar de propriedade do senhor Antônio Gonçalves — hoje dono do "Botiquim Nazaré", e o covarde espancamento desse senhor;

5) — O enxovalho infligido em Manaus ao doutor Mario do Rego Monteiro na Revolução de 1924;

6) — A invasão do lar do doutor Correia Pinho, em Obidos, à mesma época, tão somente por ser esse advogado, então, a primeira autoridade do município;

7) — Os ataques levados a efeito, nessa ocasião, na aludida cidade e em várias povoações do Baixo-Amazonas;

8) — As torturas e aviltamentos a que submeteu, também, em 1924, os senhores doutor Rodrigues dos Santos e cel. Joaquim Gomes de Amaral, intendentes, respectivamente, em Santarém e Juruti;

9) — As medidas arbitrárias e compressoras impostas ao doutor Eurico Vale, em 1936;

10) — O incêndio, em 1931, das palhoças da Fordlândia, onde se abrigavam os trabalhadores da importante companhia norteamericana;

11) — O espancamento da mocidade do Colégio Pais de Carvalho, em 1922, executado, de sua ordem, sob o comando do major Paulo Costa, da Corporação dos Bombeiros Municipais, quando os estudantes tiveram, apenas, em sua defesa, profligando o vandalismo, a intervenção dos professores Remígio Fernandes e Dias Junior;

12) — Espaldelramentos, em frente à Faculdade de Medicina, por vários cavalheiros comandados pelo então tenente Benedito de Couto, praticada contra alunos daquela Academia, revoltados com o espancamento daqueles ginasianos;

13) — Agressão ao jornalista João Malato e empastelamento do seu jornal "A Crítica", de que guarda indelével estigma, e sua fuga precipitada de Belém;

14) — A exumação da filha adotiva de um seu desfeito, para responsabilizar a este pela morte;

15) — O suicídio de Olavo Sidrim, a quem, num telefonema, insinuou rebentasse o crânio com

uma bala, isto porque ele, Barata, se negou a entregar o documento comprobatório de haver recebido a importância de 100 contos, pertencente à caixa da Sociedade Cooperativa de Indústria Pecuária do Pará, Ltda., fato que levou aquele, Sidrim, a repor a quantia na caixa aludida e, numa exaltação de nervos, desfechar um tiro na fronte;

(Da FOLHA DO NORTE de 25/4/45).

16) — O fuzilamento sumário de Raimundo Frota, no bairro da Pedreira, e a surra aplendida no patrião deste, Zé da Hora;

17) — A depilação ultrajante do

(Continúa na 2.ª página)



EIS, PARAENSE, O TEU CANDIDATO AO GOVERNO CONSTITUCIONAL DO PARÁ



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Viana (2019).

A *Folha* não poupou em levar as suas acusações até mesmo ao clero da arquidiocese de Belém, chamando Magalhães Barata de perseguidor da igreja e da família católica. Em palavras ao Arcebispo, a *Folha* reportou todos os feitos de Magalhães Barata contra a igreja católica, lembrando a proibição deste de tocar os sinos das igrejas, desviar as verbas dos aluguéis de quiosques e bares da festividade de Nazaré, crime de sacrilégio que era visto como operar milagres, antes mesmo do seu nascimento.²⁰

²⁰ Ver anexo F

Imagem 15 – Folha do Norte 15 de dezembro de 1946



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Viana (2019).

Assim começa o embate o jornal *O Liberal*, que por sua vez, revidou os ataques sofridos. Em duas páginas, saiu em defesa de Magalhães Barata sobre as acusações do ocorrido com o incêndio de *A Província do Pará*, acusação feita pelo jornal de oposição. Já *O Liberal* dizia que o autor do crime era “universalmente” conhecido como crime planejado por Paulo Maranhão. A seguir, o revide de *O Liberal*.

Imagem 16 – O Liberal 16 de dezembro de 1946



Fonte: Hemeroteca Digital Biblioteca Nacional (2019).

Continuando com as manchetes em defesa de Magalhães Barata, *O Liberal* não poupa adjetivos desmoralizantes aos diretores e redatores da *Folha do Norte*, e ainda abordou que o povo paraense estava apoiando o Senador Magalhães Barata.

Entre os jogos de palavras, podemos perceber que as manchetes traziam seu teor satírico nas expressões. Entre vulgos e adjetivos negativos, em que os jornais se acometiam (Patifes e desavergonhados) ²¹as suas respectivas manchetes chamavam atenção para as matérias que demonstravam acontecimentos da sociedade frente à política e aos jornais (O protesto do povo Paraense).

Imagem 17 – O Liberal 16 de dezembro de 1946

O Liberal
ORGÃO DO PARTIDO SOCIAL DEMOCRÁTICO DO PARA

ANO I DIÁRIO VESPERTINO Estado do Pará, 16 de Dezembro de 1946. N. 27

PATIFES E DESAVERGONHADOS

A casta perversa dos Maranhenses está nas vésperas de um grande desastre. E quanto mais se aproxima o 19 de janeiro — data do pleito em que o coronel Barata, mais uma vez demonstrará o valor da sua personalidade, e quanto é querido e admirado pelo povo de sua terra — tanto mais alta será a tenção do desastre desses mal-encarados atalhadores da honra e da dignidade alheias.

Eles, destabulados e a men e e falam sem pacificação, em harmonia e conqracimento, — mas são os primeiros a dar mostra dos sentimentais toques que foram a sua alma de sicários e bilres. Falam hipocritamente, em paz, mas as suas palavras e os seus atos são expressões riquintadas de ódio e de vingança.

A reedição de insultos e difamações que ontem fizeram pelo seu parquim numero primeiro, vem, provar, ao contrário do que eles visam, que o senador Magalhães Barata, é que tem sido a maior vítima nesta terra, suportando uma campanha de achacalhe e de deboche — campanha que se torna ainda mais visível e irritante quando é certo que é tangida e animada por bilres e salafários da marca de Paulo e João Maranhão — tinoque, que se julgam com

Dr. Edivaldo de Azevedo Ribeiro, tendo regressado da capital da República, reassumiu o exercício de sua clínica.

(2.ª pag. — linhas 15, 17 e 18)

o direito de vir a público e pelas colunas virulentas das suas gazetas, dirigir aplohos em favor da pacificação dos espíritos — eles que são os maiores fomentadores e agitados de intrigas e desavenças sociais.

Patifes e desavergonhados.

No senador Magalhães Barata, resta um grande consolo, depois da enxurrada de difrações e calúnias que lhe assaçam de longe, e se corvos da reputação alheia, quanto mais eles mentem editam e rodam infâmias contra S. Excia., tanto mais crescem a simpatia, a amizade e admiração do povo pelo extraordinário homem publico. Enquanto estes hedonistas gazeteiros do inferno fazem o jogo de Satanás, Magalhães Barata — parense cujo vida tem sido um constante holocausto no altar da Pátria e no coração do seu povo, cada vez mais se impõe ao conceito dos homens de bem e que, com intenções honestas, trabalham no interesse da coletividade.

Querem a prova? — Perguntem os "meetings" e movimentos populares a que comparece o inclito amadonido! Tomem contato com as massas proletárias dos subúrbios de Belém, dos Municípios do interior e com todos aqueles que representam as fontes de vida, de progresso e de trabalho desta grande terra. E aí e nesse instante, que se vê como é íntimo e não encontra

eco na consciência bem formada e honesta do povo e dos homens sensatos, a campanha de fofas feita pelos pastiquelheiros da 1.ª de Março e pelos politiqueros sem eleitorado, que fazem causa comum e batem palmas a esses rebulthos de gente que se alparam nos antros da 1.ª de Março, para moedarem de furto aos que passam sem deles se aperceber e da gafaria que os enftica...

ACONBOENCIA
elvíca de Minas alíria reage. Nada no Brasil está perdido, Viva Minas.

Todos nós veneramos o passado iraquido e a honra libhada de Werneck Bar, mas somos forçados a reconhecer que o seu nome, sob a forma de "teritias", foi aplido no caso de Minas como um simples adjectivo com mais inítos. Desde que ele desceu as escadas do Outeiro — há mais de vinte anos — a glória de sua vida publico consiste em se ter esta proeza: sempre longe das lutas trepidantes Patrióticas como Outeiro, ele também lavrava o campo, sem assistia impassivelmente, sem a energia de Outeiro os dramas políticos de seu país. Nunca observo, nem com a palavra nem com o exemplo, para guiar os seus concidadãos no caminho das reivindicações legítimas. Econominando avaramente a sua sabedoria, a sua expa-

Fonte: Hemeroteca Digital Biblioteca Nacional (2019).

O jornal *O Liberal* sempre tentava inserir que era apoiado pelo povo, frequentemente mostrando em manchetes ou imagens as indignações da população em respeito às publicações da *Folha do Norte* ou mostrava Magalhães Barata rodeado pelo povo, dando a entender que estava recebendo o apoio da população. Em algumas das imagens, podemos observar Magalhães Barata andando no meio da multidão com seu indefectível chapéu, vestindo seu paletó branco, sorrindo e sendo observado pela população.

²¹ Ver anexo G

Imagem 18 – O Liberal 16 de dezembro de 1946



Fonte: Hemeroteca Digital Biblioteca Nacional (2019).

A briga política era colocada em favor do povo, esse como sendo desrespeitado pelo jornal oposicionista. Veiga (2018, p. 35) caracteriza Magalhães Barata como seguidor de Getúlio Vargas devido à busca de autoafirmação como liderança popular e a relação direta com as massas populares, sem intermediações de instituições da sociedade civil.

Já para a *Folha do Norte*, o povo estava sendo enganado e sendo iludido pelas práticas políticas de Magalhães Barata. Contudo, para *O Liberal*, era o povo que estava sendo desmoralizado com as palavras ofensivas de Paulo Maranhão. Como podemos perceber a seguir, os adjetivos de *encurralando o embusteiro*²² para Magalhães Barata publicados na *Folha*.

²² Ver anexo H

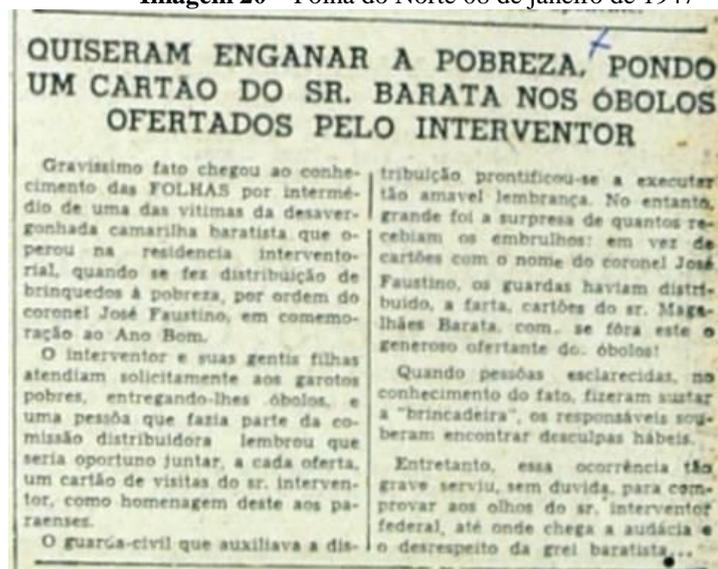
Imagem 19 – O Liberal 22 de dezembro de 1946



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Viana (2019).

Com a chegada das eleições de 12 de janeiro de 1947, os jornais defenderam ativamente seus candidatos e também tentavam divulgar acusações de seus opositores. A *Folha do Norte* mostrava que Magalhães Barata e seus apoiadores enganavam a população ao tentar ganhar votos de maneira corrupta, sobre formas da violência e linguajar obsceno.

Imagem 20 – Folha do Norte 08 de janeiro de 1947



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Viana (2019).

Os resultados das eleições elegeram o representante do P.S.D Moura Carvalho e os seus correligionários. Veiga (2018, p. 41) explica que “O PSD elegeu por uma larga margem de votos, o governador do Pará e fez a grande maioria da Assembleia Legislativa Constituinte.”. Isto quer dizer, que os representantes Baratistas estavam obtendo suas vitórias devido à influência de Magalhães Barata na política.

Para a *Folha do Norte*, essa vitória do Partido de Magalhães Barata representava nada mais que a sua forma opressora de fazer política. Mesmo com a vitória do PSD, a *Folha* adotou a estratégia de reverberar os tipos de estratégias que Magalhães Barata utilizou para sair vitorioso com seu partido das eleições e mostrar as perseguições contra a *Folha*.

Imagem 23 – Folha do Norte 23 de fevereiro de 1947



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Viana (2019).

A *Folha do Norte*, como na década de 1930, noticiou novamente que a censura que se repetia na atual década era de autoria de Magalhães Barata²³. A *Folha do Norte* não apenas noticiava que a censura era resultado da ameaça de Barata, mas discursava também que seu partido (PSD) e seu correligionário, Moura Carvalho, estavam por trás da censura que sofreu.

²³ Ver anexo I

Imagem 24 – Folha do Norte 15 de janeiro de 1948



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Viana (2019).

O jornal *O Liberal*, por sua vez, revidou, no dia 15 de janeiro de 1948, dizendo que a *Folha do Norte* “infringiu Dispositivos do Decreto-Lei 431²⁴” contrariando as normas da boa ética, desrespeitando o governo local com notícias injuriosas sobre os Pessedistas, chamando o Governador do Estado, Moura Carvalho, de débil moral:

Uma nota publicada na “Folha Vespertina” de anteontem, de responsabilidade da redação daquele vespertino, continha expressões reputadas altamente injuriosas à pessoa do governador do Estado, major Moura Carvalho, que determinou a ação da polícia. Proibindo a circulação Folha Vespertina. (O LIBERAL, 15 jan. 1948).

O Liberal ainda retratou na sua edição de 15 de janeiro de 1948 que a medida não cogitava ser censura, porém, uma medida legal, tão somente para prevenir que o jornal continuasse a violar os dispositivos do mencionado diploma legal, O Decreto-Lei Nº 431, de 18 de maio de 1938.

²⁴ O Decreto-Lei Nº 431, de 18 de maio de 1938 no inciso 25, parágrafo 3 “injuriar os poderes públicos, ou os agentes que os exercem por meio de palavras, inscrições ou gravuras na imprensa; Pena – 6 meses a 2 de prisão”

Imagem 25 – O Liberal 15 de janeiro de 1948



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Viana (2020).

Na edição de 15 de janeiro de 1948, *O Liberal* acusa Paula Maranhão de fazer não circular o seu jornal por espontânea vontade para envenenar a opinião pública e incumbir os incautos. *O Liberal* divulga o telegrama Epilogo Campos em acordo com Paulo Maranhão aos deputados da bancada Paraense:

Levo ao conhecimento de v. Excelência que o governo do Estado acaba de instituir o regime de censura prévia aos jornais da empresa Publicidade “Folha do Norte”, Ltda., sob a direção de Paulo Maranhão, que se vem opondo aos desmandos de orientação situacional local. Em sinal de protesto as “Folhas” deixaram de circular aguardando a decisão do Tribunal. (O LIBERAL, 16, jan. 1948).

Imagem 26 – O Liberal 16 de janeiro de 1948



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Viana (2020).

Imagem 27– O Liberal 17 de janeiro de 1948



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Viana (2020).

“A medida foi legal, e não cogitava de censura prévia, mas tão somente para prevenir que se o jornal continuasse a violar os dispositivos do mencionado diploma legal, seria apreendida a edição.” (O LIBERAL, 16 jan. 1948, p. 1). As “Folhas” enunciavam a censura prévia para poder injuriar o nome de Magalhães Barata e de seu correligionário, Major Moura Carvalho. Segundo *O Liberal*, a *Folha do Norte*, usou de falsidade atribuindo à Magalhães Barata o fato de ser censurada, mas por livre vontade, deixou de distribuir a edição de 14 de janeiro de 1948²⁵.

3.3 Assim procedem os Baratistas

Ao mesmo tempo que *O Liberal* estava noticiando sobre o caso da censura. A *Folha do Norte* já apresentava outros assuntos sobre Magalhães Barata, e agora, usando de atribuição aos Baratistas. O discurso do jornal de Paulo Maranhão direcionou-se para os seguidores de Magalhães Baratas, “os baratistas”, em constantes atitudes que ameaçavam a ordem pública.

Magalhães Barata e o governador Moura Carvalho são mencionados como os responsáveis por mandar a força policial para os Municípios Paraenses, os citados Bragança, Maracanã e Monte Alegre, lugares em que era duvidosa a vitória da sua chapa do P.S.D para implantar o terror em gente morigerada, afim de atender os planos que decorreriam dos resultados da urna. (FOLHA DO NORTE, 1948).

²⁵ Ver anexo J

Imagem 28 – Folha do Norte 16 de janeiro de 1948



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Viana (2020).

Em Bragança, repercutia que Barata não disponha de simpatia populares da pequena cidade e, por medo de perder as eleições, ocorria a pressão sobre a cidade por meio da polícia que rondava as sedes dos trabalhos de apuração e dirigiam com ameaças aos membros da mesa eleitoral²⁶.

Conforme foi descrito na *Folha do Norte* que “[...] o momento era de pavor: soldados por todas as esquinas e desordeiros aliciados noutros lugares perturbavam a tranquilidade pública. Desde o dia 11 as famílias têm estado em pânico [...] ouviu-se ameaça de mortes.” (FOLHA DO NORTE, 16 jan. 1948, p. 1).

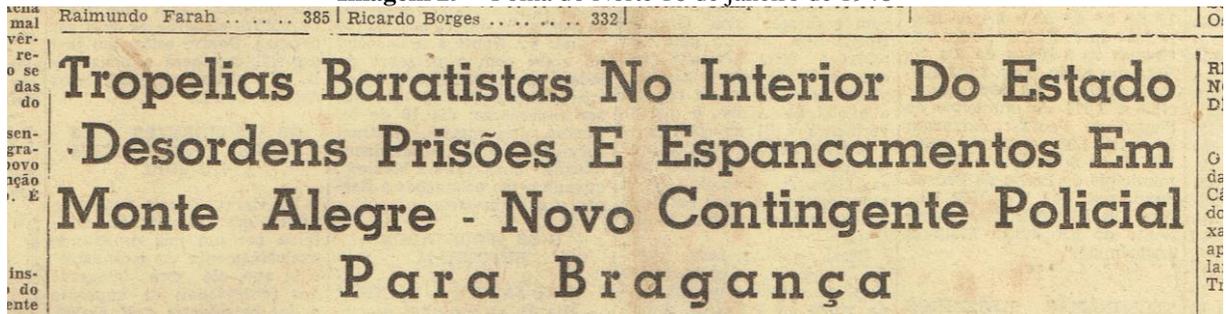
Em Maracanã, abusos contra a população eram denunciados. As forças policiais levaram um fardo material bélico, ocorrência resultante das ameaças que Magalhães Barata pronunciava. Esse dizia que Maracanã viveria horas amargas de terror.

Ao final desse breve panorama sobre os municípios, a *Folha do Norte* justificou sobre as ameaças e terror²⁷: “porque a verdade é esta: o baratismo implantou a desordem em nosso Estado para ter assegurado um clima propício às suas tropelias e aos seus crimes [...] Barata que manda e pode e o sr Moura Carvalho obedece. O governador se agita e o senador o conduz.” (FOLHA DO NORTE, 16 jan. 1948, p. 1).

²⁶ Ver anexo K

²⁷ Ver anexo L

Imagem 29 – Folha do Norte 16 de janeiro de 1948

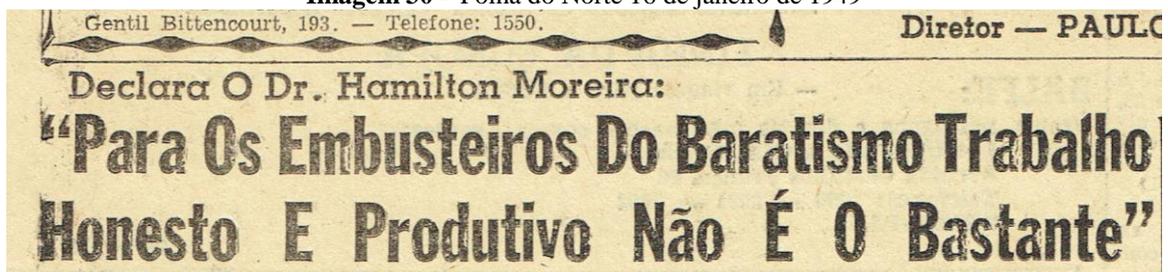


Fonte: Biblioteca Pública Arthur Viana (2020).

Percebe-se que além de Magalhães Barata ser mencionado pelos seus afazeres, seus seguidores também eram lembrados pela *Folha do Norte*, fazendo menção à influência que esse acometia sobre seus seguidores.

A *Folha do Norte* divulgava que a forma de governar do pessedistas desestimulava até mesmo aqueles que estavam inseridos no referente partido, como foi o caso de Hamilton Moreira, que pediu exoneração do partido por não compactuar com a forma de fazer política do P.S.D e disse que preferiu sair “[...] a servir de joquete nas mãos de elementos, cujo nível moral reputo abaixo dos meus pés.” (FOLHA DO NORTE, 16 jan. 1949, p. 1). Essa saída de Hamilton Moreira foi ponto preferido para que a *Folha do Norte* divulgasse que os pessedistas não faziam boa política, causando perturbação nas terras paraenses afim de garantir de poderes excepcionais, passando por cima das boas condutas políticas.

Imagem 30 – Folha do Norte 16 de janeiro de 1949



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Viana (2020).

“Os capangas Baratistas” eram alvos das notícias, de cometerem atos graves com suas “tropelias baratistas”. Constantemente, vemos agora, notícias na *Folha do Norte*, dos Baratistas acometendo algo nas cidades do interior, na capital, deixando a população temerosa com suas atitudes. Além de divulgar que o irmão de Magalhães Barata, Mario Barata, estava repassando notas falsas, *O Liberal* alegou que tudo eram infâmias para acusar Magalhães Barata, seus seguidores e sua família.

O jornal pessedistas começou a divulgar as *mentiras das folhas* chamando de *grupos malditos que se juntam na Primeiro de março* “[...]os folicularios da *Folha do Norte* inventaram notícias, procurando envolver nas suas perversidades o nome respeitável de Magalhães Barata.” (O LIBERAL, 28 fev. 1948, p. 1).

As *mentiras das “Folhas”* foi uma forma de dizer que muitas vezes o jornal de Paulo Maranhão acusava aleatoriamente Magalhães Barata e o seu jornal criticou todas essas narrativas ao chamá-los de *infames, cretinos miseráveis e pós de arroz*.

Percebe-se que, em 1949, os ânimos dos dois jornais já estavam delicados, pois no ano seguinte, ocorreriam as eleições de outubro, na qual Magalhães Barata estava concorrendo para Governador. A *Folha* intensificou suas críticas, enquanto *O Liberal* dizia que tudo era mentira.

Imagem 31 – As mentiras das folhas



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Viana (2020).

Imagem 32 – O Liberal 28 de fevereiro 1948



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Viana (2020).

A *Folha* continuou com seus acusamentos fervorosos no ano de 1949, no qual os Baratistas planejaram assassinar o Deputado Epílogo de Campos²⁸ da União Democrática

²⁸ Nascido no Rio Branco no dia 19 de maio de 1915, foi deputado à Assembleia Nacional Constituinte pelo Pará na legenda da União Democrática Nacional (UDN). Em outubro de 1950 foi eleito deputado federal pelo Pará, tendo obtido a maior votação até então alcançada por um candidato à Câmara dos Deputados por aquele estado. Reeleito em 1954 na legenda da UDN, no ano seguinte candidatou-se ao governo do estado pela Coligação Democrática Paraense, tendo sido derrotado pelo candidato do Partido Social Democrático (PSD), o senador Joaquim Magalhães Cardoso Barata, por pequena diferença de votos. Foi nomeado diretor do Departamento de Ensino Superior do Ministério da Educação e Cultura (MEC) cargo que exerceu de 1967 a abril

Paraense (UDN), oposição Baratista “[...] epílogo recebeu uma carta dum seu correligionário, avisando-lhe do plano sinistro que o aguardava em Santarém.” (FOLHA DO NORTE, 27 nov. 1949, p. 1).

Esse são exemplos de que nem sempre Magalhães Barata era anunciado como “premeditor” de um acontecimento grave, mas também seus seguidores eram mencionados como influenciados pela forma severa, conforme o jornal, de governar do *Senhor Barata*. Morte, confrontos e perseguições nas cidades tornam-se substantivos constantemente relacionados ao movimento dos Baratistas que a *Folha do Norte* acusava de causar terror.

Imagem 33 – Folha do Norte 27 de novembro de 1949



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna (2020)

Após as acusações, *O Liberal* rebateu dizendo que Epílogo de Campos afirmou coisas que jamais existiram ou estava deturpando fatos com cinismo vulgar, uma vez que Epílogo proferiu na Câmara dos deputados o acontecimento ao qual foi vivenciado. *O Liberal* dizia que não passava de um apadrinhamento para indivíduos desclassificados e amorais, fazendo alusão ao jornal de Paulo Maranhão.

Imagem 34 – O Liberal 29 de novembro de 1949



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna (2020).

de 1968. Foi Jornalista, trabalhou na *Folha do Norte*, de Belém e faleceu no dia 9 de novembro de 1992 (FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS, 2012).

Em 1950, as eleições mostraram o PSD como favorito para ganhar com grandes margens nas urnas. Magalhães Barata, que enfrentaria Zacarias Assunção da Coligação Democrática Paraense (CDP), para o cargo de Governador, tinha a certeza que sairia vitorioso, conforme a sua carreira política até então, que sempre trouxeram os resultados premeditados (VEIGA, 2018).

Sobre as eleições que Magalhães Barata estava como candidato a governador, alguns autores atribuem adjetivos tensos sobre a situação. Carneiro (1991) chama de ‘a inesperada derrota’; Rocque (2006) chama “as eleições de 1950 e a violência” e Veiga (2008) conceitua de “conturbadas eleições”. Não é o nosso objetivo especificarmos sobre os detalhes e trajetos desta nova década política, mas o importante é salientar que, diferente das décadas anteriores, Magalhães Barata não ganhou essas eleições. “O general Zacarias de Assunção obteve 94.794 votos, Magalhães Barata 94. 212 (diferença de 582 votos; em branco 3.280 votos e nulos 2.452 votos.” (CARNEIRO, 1991, p. 76). Barata atribuiu sua derrota à interferência militar em peso a favor da campanha de General Assunção e a ampla coligação em torno da CDP.

Veiga (2018, p. 43) atribui a derrota também a motivos de racionalidades do eleitorado, demonstrando a avaliação de gestão e decisão de voto, que já estavam presentes ao se pensar em eleger determinado político. Na reflexão de como o eleitorado estava vivendo na gestão de Moura Carvalho, o autor conceitua que até então, “nestas eleições [de 1950] a cidade se encontrava sem luz, esburacada, e com problemas de alimentação, os transportes urbanos estavam em colapso, até os bondes tinham desaparecido”, realidade que podemos ver nos levantamentos feitos nos jornais que circulavam em Belém, como demonstrado no capítulo 2, em que as notícias durante a década de 1940 retratam essa realidade da cidade esquecida pelo poder público.

Carneiro (1991) aborda que essa derrota foi um fator previsível e uma decorrência natural dos embates que vinham se travando desde que Barata alcançou o poder no Pará. Devemos destacar que a *Folha do Norte* teve seu papel em sua derrota, principalmente na década de 1940, na qual fez intensa mobilização mostrando como a população paraense estava sofrendo com os preços da carne e a falta de urbanização. A constante divulgação da imagem de Magalhães Barata como severo e ditador, juntamente com seus seguidores, além dos fatores já mencionados, foram pontos fundamentais que resultaram na sua derrota.

Com a saída de Magalhães Barata do poder, podemos fazer uma análise de todos os apelidos que a *Folha do Norte* atribuiu a ele nos anos de 1940. A imaginação dos redatores da

Folha do Norte era fértil para nomear Magalhães Barata, quando não queriam chamá-lo pelo nome.

O nome *algoz* apareceu no início da década de 1940 em torno de (13 vezes) e se estabeleceu até 1946. Era mencionado quando a *Folha do Norte* queria falar da rigidez de Magalhães Barata contra seus opositores, assim como mencionava também o *fomentador da discórdia* (15 vezes), quando abordava as atitudes desgovernada dos baratistas, insinuando que Magalhães Barata era o fomentador e estava por trás das atitudes dos seus seguidores, tentando influenciá-los. O *desmistificador* (23 vezes) era mencionado quando Barata percorria pelos interiores, assim como o termo *embromador* (25), quando esse falava com o povo. Mas foi com o termo *cucaracha* (30 vezes) que a *Folha do Norte* constantemente mencionava Barata em suas páginas.

Imagem 35 – Palavras utilizadas pela Folha do Norte para Magalhães Barata

O algoz
 O fomentador da discórdia
 Desmitificador
Cucaracha
 Embromador
 Embusteiro

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

O Liberal também atribuía adjetivos para Paulo Maranhão e para os redatores da *Folha do Norte*. Para *O Liberal*, nota-se que não havia o porquê de usar determinada palavra e o mesmo não seguia o padrão utilizado pela *Folha do Norte*.

As palavras eram utilizadas aleatoriamente. Observa-se que *desavergonhados* aparece em torno de (8 vezes); *crápulas* (14 vezes); *canil da 1º de março* (16 vezes). Para Paulo Maranhão, o termo *velho rosnador* (25 vezes); *cretinos* (32 vezes); palavra que vinha sozinha ou acompanhada do termo *patifes* (29 vezes).

Imagem 36 – Palavras utilizadas pelo O Liberal para os redatores da Folha do Norte

Crápulas
 Canil da 1º de março
 velho rosnador
Cretinos
Patifes
 Desavergonhados

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Os embates percorriam também entre os apelidos que cada jornal atribuía ao seu opositor. Ao se folhear ambos os jornais, é possível encontrar mais adjetivos em torno desses revides, entretanto, essa pesquisa deu destaque às palavras mais utilizadas pelos redatores de cada jornal. Em determinados momentos, nota-se o surgimento de “apelidos” mais carregados para ser veiculados nas páginas dos jornais, principalmente em tempos eleitorais, talvez devido os ânimos estarem mais sobrecarregados. Dessa forma, o *cucaracha* e o *velho rosnador* eram nomes criativos e até mesmo cômicos.

As constantes leituras realizadas permitiram a compreensão dos adjetivos que surgiram para nomear Barata. Um leitor não familiarizado com essas leituras possivelmente não se atentaria para o fato de que “*cucaracha*” e o “*embromador*” tratavam-se de uma maneira de satirizar a imagem de Magalhães Barata.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação da imagem de Magalhães Joaquim Cardoso Barata nos jornais desencadeou constantes atributos direcionados a ele como o *pai dos pobres* o *político que mais se aproximou do povo*, sobre os constantes relatos que ele recebia as pessoas em seu gabinete, também entorno de que “*no tempo do Barata...*” “*o baratismo*” atributos constantemente à ele relacionado em Rodrigues (1979).

Em torno das diversas narrativas sobre o político, esse foi colocado no status de mitificação, uma vez que a análise da etimologia da palavra *mito* oferece os aportes para o entendimento de como foi criada a imagem entorno de Magalhães Barata, sendo que:

A palavra mito origina-se do grego mytho, que deriva do verbo mytheyo, significa narrar, contar algo para os outros, já o termo mytheyo quer dizer nomear, conversar. Para os gregos a legitimidade do mito não reside em provas empíricas, mas na credibilidade de quem o narra, pois este é geralmente revelado por alguém confiável e que tem autoridade e, portanto deve ser incontestável por quem ouve. (BEZERRA; LIMA, 2009, p. 14)

Em torno de *quem foi* e de *quem era* Magalhães Barata sempre existe uma narrativa, mas foi nas páginas dos jornais que essas “estórias” ajudaram a fomentar a ideia de mitificação. As suas andanças no interior do Estado do Pará também ajudaram a criar a imagem de mito, através da proximidade com o povo.

Na obra de Vicente Zé (1944), nota-se que Magalhães Barata era descrito como um homem talhado para a luta, com grande simpatia e popularidade: “Em cada rua da cidade, em cada bairro, do subúrbio, em cada sede de município ou vilarejo do interior e até nas mais longínquas paragens do território paraense, o seu porte garboso de militar passou deixando um traço vivo da sua personalidade.” (VICENTE, 1944, p. 10). Já o jornal *Folha do Norte* tentou desmitificar Barata ao mostrá-lo como ditador, censor e um político que esbravejava quando se sentia contrariado. Como político, possivelmente há aqueles que o consideram como um ídolo e grande homem público e há aqueles que o consideram como uma “cucaracha”, fazendo um jogo de palavras com o seu nome. Ao mesmo tempo que existiam os seguidores da *Folha do Norte*, que adquiriam uma posição nos editoriais de Paulo Maranhão, determinados Baratistas seguiam reproduzindo a ideia que *O Liberal* transmitia.

O construto em torno de toda essa criação de imagens fez com que essa pesquisa alcançasse as respostas satisfatórias, uma vez que os jornais se enfrentavam e buscavam aguçar o povo, mesmo aqueles que não liam os jornais. Um breve exemplo que nos dar indícios sobre a repercussão e a influência da *Folha do Norte* fazia entre o povo foi

encontrado na obra de Salomão Larêdo (2010), que esclarece a criação do mito *contar para os outros*, sobre Magalhães Barata, e a criação negativa da imagem do político.

Na obra de Larêdo (2010), Élio Satiro da Silva conta que foi quase preso por cantar uma música que continha o apelido de Cucaracha. O trecho era: “olhá lá, que coisa só, o cucaracha agora é general” ao que Salomão Pergunta: de quem era a música? – **A Folha do Norte** que publicou. Não foi eu que fiz, diz Élio” (LARÊDO, 2010, p. 10, grifo nosso). Na obra, é possível ler que Élio foi quase preso pelo prefeito da cidade. Essa breve narrativa apresenta os construtos de mito, pois “[...] a elaboração de um mito acontece sobremaneira a partir da contínua repetição e reelaboração de uma imagem [...] é a sequência de uma história contada, repetida e reelaborada que vai dando corpo, substância ao mito.” (BEZERRA; LIMA, 2009, p. 2).

Histórias e “estórias” podem ser contadas sobre Magalhães Barata e isso mostra com clareza quem foi essa figura pública tão rememorada nas falas populares e pesquisas acadêmicas no Estado do Pará. Como no caso da senhora (ROCQUE, 2001, p. 158), em avançada idade gestacional, procurou Barata para queixar-se do marido, que não mais lhe ligava. Barata perguntou-lhe:

“Quantos filhos a senhora têm?”

“Oito, tenente”

“Oito? Está grávida do nono e ainda diz que seu marido não lhe liga?”

Em outra narrativa (ROCQUE, 2001, p. 158): Um dia Barata foi procurado por uma viúva, que lhe fez a queixa que havia emprestado, há vários anos, dinheiro para um comerciante português, que lhe assinara uma promissória; porém o devedor negava-se a saldar a dívida, porque alegava que, não tendo sido recebida no prazo da lei, já estava prescrita. Depois de ver a promissória, Barata mandou um seu ajudante de ordens trazer para seu gabinete o devedor. Quando este entrou, Barata exigiu que liquidasse a dívida.

“Mas legalmente não devo nada mais nada”.

“Legalmente pode não dever, mas vai pagar, porque o dinheiro lhe foi emprestado. O senhor tem até 24 horas”.

E a dívida foi paga.

Em Nery (2018, doc. não paginado), encontramos outras narrativas de “estórias” baratistas, a primeira: Uma professora do Estado requereu licença-gravidez para o parto do

quinto filho. Barata, mandou investigar, soube que ela tinha votado com a oposição. Pegou o processo, deu o despacho:

– *“Indefiro. Nego a licença. Gravidez não é doença. Apanha-se por gosto.”*

A segunda, em uma visita em uma cidade do interior. Em frente ao trapiche, onde desembarcou, ficava o “Grupo Escolar Zacarias de Assunção” (o general Assunção era da UDN e tinha sido governador antes dele, derrotando-o). Chamou o prefeito:

– *Este grupo vai mudar de nome. Vai chamar-se Magalhães Barata, que é quem manda no Pará.*

Chama-se até hoje.

E a terceira narrativa conta que um compadre, notório contrabandista, chegou ao posto fiscal de Belém com muitas tartarugas e não quis pagar imposto:

– *As tartarugas são presentes para o compadre Barata.*

O fiscal telefonou para o chefe, que telefonou para o secretario do governador, que falou com o governador.

– *Diga ao compadre que presente se dá completo. Ele que pague o imposto e mande logo as tartarugas.*

Não há como saber quem de fato foi Magalhães Barata, pois os jornais mostram diversos personagens, conforme os seus interesses, que esse assumiu. O imaginário que o cerca ainda vive na memória da população, até mesmo daqueles que não viveram em sua época. A sua influência política com o PSD e a sua forma de governar foram espelhos para os políticos contemporâneos do Estado do Pará, como Jader Fontenelle Barbalho, que em seu próprio jornal deixava clara sua forma política de percorrer os interiores do Pará.

Magalhães Barata, não apenas ficou na memória paraense pelas narrativas que cercam o imaginário popular, mas também, pelo seu nome que é reproduzido em monumentos e prédios no Estado do Pará, como exemplo: O Monumento Magalhães Barata, inaugurado em 1989 para comemorar o centenário de nascimento do ex-governador. Assim como, a Escola Magalhães Barata no Bairro do Telegráfo e o Município do interior do estado do Pará, que leva o nome de Magalhães Barata em 1961 em homenagem ao ex-governador.

Os anais da história política do Pará estão recheados sobre a carreira de Magalhães Barata. Memórias de quem viveu o tempo de Barata estão contadas em obras raras. Monumentos como o *chapéu do Barata*, mesmo que na contemporaneidade estejam esquecidos, são exemplos do protagonismo político que Barata alcançou na capital paraense.

REFERÊNCIAS

- A PROVINCIA DO PARÁ. Belém, p. 8, 21 mar. 1947c.
- A PROVINCIA DO PARÁ. Belém, p. 8, 22 mar. 1947b.
- A PROVINCIA DO PARÁ. Belém, p. 8, 8 mar. 1947a.
- ABREU, Alzira Alves de. **Dicionário histórico-biográfico da primeira república: 1889-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2015.
- ARAUJO, Maria Celina D'. **Estado Novo**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2000.
- ARAUJO, Maria Celina Soares D'. **Getúlio Vargas**. Brasília: Câmara dos deputados, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARATA, Magalhães. [Telegrama] 15 maio 1933, Belém [para] VARGAS, Getúlio. 1f. Comunicado de suspensão do matutino “Folha Norte”.
- BARBOSA, Marialva Carlos. Imprensa e poder nos Brasil Pós-30. **Em Questão**, v. 12, n. 2, jun./dez. 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/23/8>. Acesso em 13 nov. 2019.
- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil – 1800 - 1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Portugal: Edições70, 2009.
- BARRETO, Emanuel. A construção do poder. **Revista Estudos em jornalismo e mídia**, Santa Catarina, v. 1, n. 1. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/viewFile/2238/1937>. Acesso em: 24 ago. 2019.
- BARROS, Cleber. **A ideologia do movimento tenentista**. 2005. 36f. Trabalho de Conclusão de Curso (História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Disponível em: http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2013/03/cleber_barros.pdf. Acesso em 20 ago. 2019.
- BEZERRA, Ada Kesea Guedes; LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. A Produção de Mitos na Política A Imagem Pública de Lula no Cenário Midiático. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-bezerra-a-producao.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2019.
- BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. **Jornais Paraoaras: catálogo**. Belém, PA: SECDET, 1985.

- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2004.
- BRASIL. **Tribunal Regional Eleitoral**: Eleições gerais (resultados). Belém: TER-PA, 2008.
- BURKE, Peter. **A fabricação do rei**: A construção da imagem pública de Luís XIV. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009.
- CABRAL, Gustavo César Machado. Federalismo, autoridade e desenvolvimento no Estado Novo. **Revista de Informação Legislativa**, Brasília, v. 48, n. 189, jan./mar. 2011. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/496921/RIL189.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 nov. 2019.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.
- CARNEIRO, José Queiroz. **O Pessedismo e Baratismo no Pará**. São Paulo: UNICAMP, 1991. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/278788/1/Carneiro_JoseQueiroz_M.pdf. Acesso em: 30 jan. 2020.
- CASTRO, E. M. R.; CAMPOS, Í. **Formação socioeconômica da Amazônia**. In: CASTRO, Edna M. R.; CAMPOS, Í. (Orgs.). *Formação socioeconômica da Amazônia*. Belém: UFPA/NAEA, 2015, p. 15-36.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes. 2002.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.
- CHAVES, Celma. Belém e os sentidos da modernidade na Amazônia. **Revista Amazônia Moderna**, Palmas, v.1, n.1, abr./set. 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/amazoniamoderna/article/view/4591/12006/>. Acesso em: 09 jan. 2019.
- CHAVES, Túlio Augusto Pinho de Vasconcelos. **O plano de urbanização de Belém**: cidade e urbanismo na década de 1940. Belém, 2016. 216f. Tese (Doutorado História Social da Amazônia) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/7227>. Acesso em 30 dez. 2018.
- CHOMSKY, Noam. **Mídia**: Propaganda política e manipulação. São Paulo: WMF MartinsFontes, 2014.
- COIMBRA, Adriana Modesto. A cidade concedida: urbanização e disputas políticas em Belém do Pará na virada do século XX. In: **Simpósio Nacional de História**, n.27, 2013, Rio Grande do Norte. **Anais...** Natal: ANPUH, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371341559_ARQUIVO_Acidadeconcedida-ANPUH2Final.pdf. Acesso em: 10 ago. 2019.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

CORREIO PAULISTA. São Paulo, p. 1, 6 maio 1935.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, p. 2. 1891.

DIRCURSO do novo interventor. **Folha do Norte**, Belém, p. 1, 13 nov. 1933.

FOLHA DO NORTE. Belém, p. 1, 15 nov. 1935b.

FOLHA DO NORTE. Belém, p. 1, 10 out. 1934e.

FOLHA DO NORTE. Belém, p. 1, 13 out. 1934f.

FOLHA DO NORTE. Belém, p. 1, 16 jan. 1949.

FOLHA DO NORTE. Belém, p. 1, 2 mar. 1947.

FOLHA DO NORTE. Belém, p. 1, 24 jan. 1896b.

FOLHA DO NORTE. Belém, p. 1, 4 maio 1933a.

FOLHA DO NORTE. Belém, p. 1, 6 out. 1934c.

FOLHA DO NORTE. Belém, p. 1, 7 out. 1934d.

FOLHA DO NORTE. Belém, p. 1, 9 out. 1934a.

FOLHA DO NORTE. Belém, p. 3, 1 out. 1935a.

FOLHA DO NORTE. Belém, p. 3, 7 ago. 1934b.

FOLHA DO NORTE. Belém, p.1, 16 jan. 1948.

FOLHA DO NORTE. Belém, p.1, 27 nov. 1949.

FOLHA DO NORTE. Belém. 1948.

FONSECA, Cassio. **A economia da borracha**: Aspectos internacionais e defesa da produção brasileira. Ministério da Fazenda: Rio de Janeiro, 1950. Disponível em: <http://memoria.org.br/pub/meb000000171/economiadaborrac1950cass/economiadaborrac1950cass.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2019.

FONSECA, João José Saraiva da. **Pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FONTES, Edilza Joana Oliveira. Cultura e Política nos anos 30 no Brasil e as memórias do Interventor do Pará, Magalhães Barata (1930-1935). **Revista Estudos Políticos**, n. 7, 2013. Disponível em: <http://revistaestudospoliticos.com/wp-content/uploads/2014/04/7p131-151.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2019.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. **Anos de incerteza (1930-1937)**. CPDOC: Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/Constituicao1934>. Acesso em: 22 nov. 2019.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca digital. c2018. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 6 mar. 2018.

GARCIA, Nelson Jahr. **Propaganda: ideologia e manipulação**. São Paulo: RocketEdition, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.

HOBSBAWM, Eric. A história de baixo para cima. In: HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

INDURSKY, Freda. Qual o papel do estudo científico da linguagem em uma sociedade fundamentalmente midiática?. **Entremeios**: revista de estudos do discurso. v.2, n.1, jan./2011. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br/published/30.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2019.

JOÃO Paulo de Albuquerque Maranhão [verbete]. In: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro**. São Paulo: FGV, 2010.

JOAQUIM Magalhães Cardoso Barata [verbete]. In: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro**. São Paulo: FGV, 2010.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas-SP: Papyrus, 1996.

KRIPKA, Rosana Maria Luvezute; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa de Lara. Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. **Atas – Investigação Qualitativa na Educação**, v. 2. 2015. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/252>. Acesso em: 03 abr. 2019.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de Pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LARÊDO, Salomão. **As intolerâncias do baratismo**. Belém: Salomão Larêdo Editora, 2010.

LAURO, Nina Sodré e Silva [verbete]. In: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro**. São Paulo: FGV, 2017. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/SODR%C3%89,%20Lauro.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2019.

LE GOFF, Jaques. **Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: UNESP, 1998.

LUFT, Schirley. **Jornalismo, meio ambiente e Amazônia: os desmatamentos nos jornais O Liberal do Pará e A Crítica do Amazonas**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2005.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MATOS, Rafael. Portmen nas redações: O jornalismo esportivo na Belle Époque. In: Encontro Regional Norte de História da Mídia, n.2, 2012, Belém. **Anais...** Belém: UFPA, 2012. Disponível: <http://www.ufrgs.br/alcar/anais-historia-da-midia-regiao-norte-1>. Acesso em 20 jul. 2019.

MEDINA, Maria Juliana da Silva. **Três faces de Haroldo Maranhão: O leitor, o jornalista, o escritor**. Belém, 2010. 261f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2005. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/4041/1/Dissertacao_TresFacesHaroldo.pdf. Acesso em 22 ago. 2019.

MEIRA FILHO, Augusto. O problema do abastecimento d'água em Belém. **O Liberal**, 1947. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/761036/661>. Acesso em 24 jun. 2019.

MEIRA, Clóvis. **Barata, no centenário de nascimento**. Belém: Imprensa oficial, 1989.

MENEZES, Epaminondas de Paiva. Higiene mental. **O Liberal**, 2 dez. 1946. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/761036/60> Acesso em: 22 já. 2019.

MORIGI, Valdir José; SEHN, Ana Paula; MASSONI, Luis Fernando Herbert. Mediações da informação e da comunicação: Porto Alegre nas narrativas do jornal Zero Hora. **Ciência da Informação**, v. 43, n. 2, 2014.

MOURA Carvalho [verbete]. In: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro**. São Paulo: FGV, 2010.

NERY, Sebastião. **Histórias do folclore político de Magalhães Barata**. 2018. Disponível em: <http://www.tribunadainternet.com.br/historias-do-folclore-politico-de-magalhaes-barata/>. Acesso em: 10 fev. 2020.

O LIBERAL. Belém, p. 1, 15 nov. 1946b.

O LIBERAL. Belém, p. 1, 15 nov. 1946b.

O LIBERAL. Belém, p. 1, 16 nov. 1946a.

O LIBERAL. Belém, p. 1, 18 nov. 1946c.

O LIBERAL. Belém, p. 1, 23 fev. 1947.

O LIBERAL. Belém, p. 1, 29 nov. 1947.

O LIBERAL. Belém, p.1, 15 jan. 1948.

O LIBERAL. Belém, p.1, 16 jan. 1948.

O LIBERAL. Belém, p.1, 28 fev. 1948.

O LIBERAL. Belém, p.1, 29 nov. 1949.

O PAIZ. Rio de Janeiro. 1934.

PALLOTINI, Renata. **Dramaturgia**: construção do personagem. São Paulo: editora ática, 1989.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento? Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

PENTEADO, Antônio Rocha. **Belém do Pará**: estudo de geografia urbana. Belém: Ed. da UFPA, 1968. 2 v.

PONTES, Carlos José de Farias. A guerra no inferno verde: segundo ciclo da borracha, o front da amazônia e os soldados da borracha. **South American Journal Of Basic Education Technical And Technological**, v. 2, n. 1, 2015. Acesso: <https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/218>. Disponível em: 22 nov. 2019.

PROENÇA, Cyro. [Telegrama] **Urgente Presidente Getúlio Vargas**. 24 set. 1934. Rio de Janeiro.

RIBEIRO, José Roberto Silva. **A revolução de 30 e a educação no Pará**: carisma e práticas políticas. Belém: Meridional, 1998.

ROCQUE, Carlos. **História geral de Belém e do Grão-Pará**. Belém: Distribel, 2001.

ROCQUE, Carlos. **Magalhães Barata**: O homem, a lenda, o político. Belém: SECULT, 1999.

ROCQUE, Carlos. **Magalhães Barata**: O homem, a lenda, o político. Belém: SECULT, 2006.

ROCQUE, Carlos. **Grande enciclopédia da Amazônia**. Belém: Amel, [1967]. 6 v.

RODRIGUES, Denise de Souza Simões. Memória de mestre: a política em belém/pa entre 1940-1985. In: IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 2013, Seripe. **Anais...** Disponível em: http://educonse.com.br/2010/eixo_04/E4-23.pdf. Acesso em: 18 nov. 2019.

RODRIGUES, Denise de Souza Simões. **Pará 1935**: Um estudo sobre liderança e conflito. Rio de Janeiro, 1979. 124f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro.

SANTOS, Emmanuel Raimundo Costa. História da cidade de Belém: intervenções urbanísticas e produção do espaço da orla fluvial. In: **Anais do Encontro Nacional de Geógrafos**. Disponível em: http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1467578458_ARQUIVO_Historia_Cidade_Belem_ENG2016.pdf. Acesso em: 26 dez. 2018.

SANTOS, Luiz Cezar Silva dos. LIB: A Mascote dos Classificados do Jornal O Liberal. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, nº 40, 2017, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Intercom, 2017. Disponível em <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2185-1.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2018.

SILVA, Fabrício Herbeth Teixeira da. Dramas e tramas da vida cotidiana: a imprensa paraense e a questão das carnes verdes (1897-1909). **Revista Cordis**, n. 7, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/cordis/article/view/10381/7728>. Acesso em: 08 ago. 2019.

SILVA, José Carlos Meireles. Soldados da borracha: os heróis esquecidos da Amazônia. **Revista Exército Brasileiro**, v. 151, 2015. Disponível em <https://idd.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2016/04/Soldados-da-borracha-os-her%C3%B3is-esquecidos-na-Amaz%C3%B4nia.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2019.

SODRÉ, Lauro. **Mensagens do Governador do Pará a Assembléia (PA): 1891-1930**. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/873586/3833>. Acesso em: 22 jan. 2019.

THOMPSON. J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

TOBIAS, Fabio Lúcio Mello. Brasil – Estado Unidos (1942-1945): uma relação pragmática. **Revista Jamaxi**, v. 2, n. 2, 2018. Disponível em: <http://revistas.ufac.br/revista/index.php/jamaxi/issue/view/105/showToc>. Acesso em: 22 jan. 2019.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2018.

VEIGA, Edir. **Competição Política no Pará, 1930-2014: Atores, Partidos e Eleições**. UFPA: Belém, 2018.

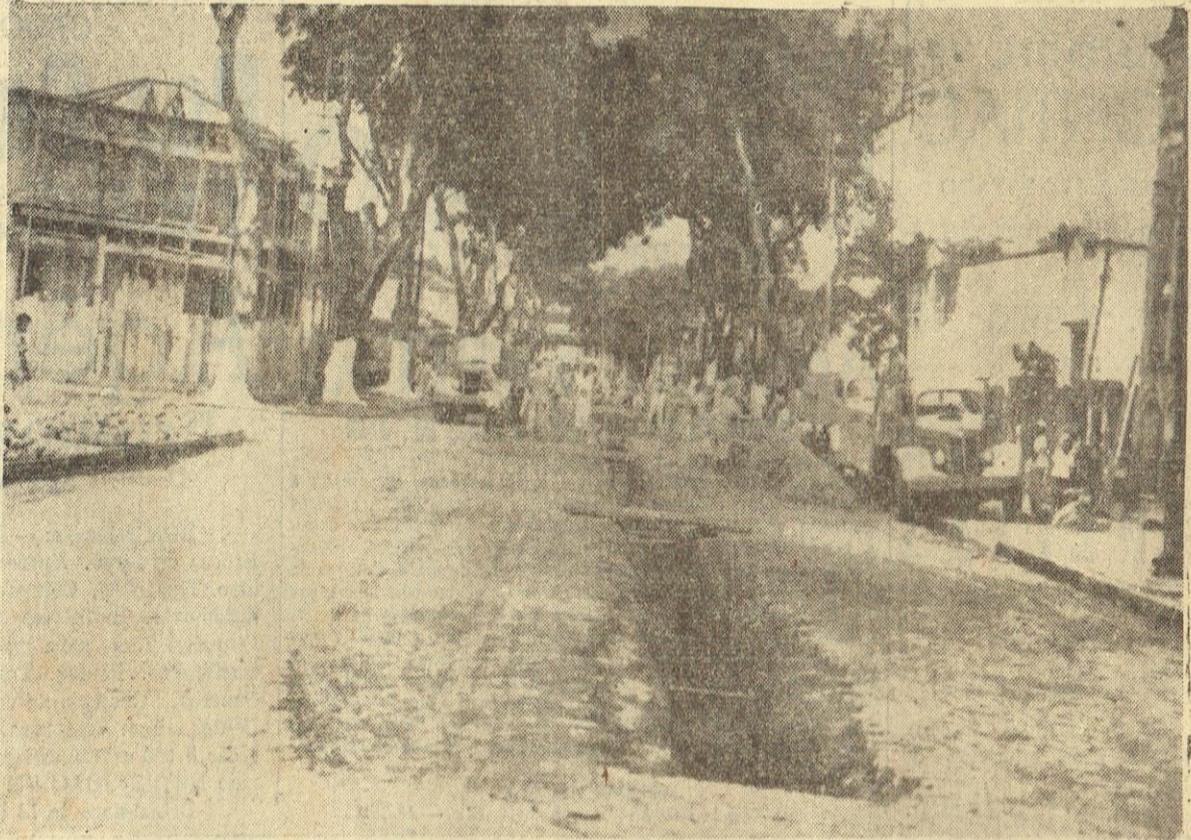
VEIGA, Hecilda Mary. **A redemocratização em Belém 1945-1947: Os comitês democráticos e a campanha contra a fome**. Fase: Belém, 1984.

VICENTE, Zé. **Magalhães Barata, o Pará e sua história**. Belém: [s.n.], 1944.

ANEXO A – Folha do Norte fala da cidade de Belém

ISTO É O PARÁ, PRESIDENTE!

Texto de OSWALDO MENDES



...E o governo mandou remendar, a tóda a pressa, as ma selas da cidade, para tapear o presidente. Acima, um aspecto da D. Pedro, sob os cuidados de dezenas de trabalhadores da Prefeitura.

Belém estará hospedando dentro de horas o presidente Dutra. O primeiro mandatário do país não nos distingue com uma visita especial, e na emergência de sua passagem por aqui, cingir-se-á a um simples passeio pela cidade, sem mais incômodos, que não sejam os dos buracos das ruas, conforme disso mostrou desejos antes de deixar o Rio.

Pela segunda vez, o senhor Dutra evita entrar em contacto mais directo com a nossa população, no seu governo. A primeira, quando foi ao vizinho Estado do Maranhão, e de lá retornou ao Rio, decepcionando a quantos aqui o aguardavam, não para o aplaudir ou viver seu nome, e sim para mostrar-lhe a degradação a que chegou a nossa terra, os excessos de seus governantes, a miséria de sua população.

O sr. Dutra, por aquela ocasião, tinha uma justificativa plausível a apresentar aos paraenses: sua presença era exigida na capital do país. Agora, no entanto, virá a Belém. Aqui passa-

rá uma tarde e uma noite, e muito tempo mais poderia aqui ficar, ou agora ou em seu retorno dos Estados Unidos, onde vai a passeio, simples passeio sem nenhum interesse para nós.

— xxx —

Não queira, sr. Dutra, sair do Aeroporto Val-de-Cães é tudo, menos Pará. Desça, receba os cumprimentos, sorria para os fotografos, dite saudações aos reporteres, coma e descanse. E quando acordar, escove bem os dentes, ergue um bom terno e vá logo treinando um "good bye" bem bonito. Sente-se confortavelmente, feche os olhos e peça para lhe acordarem quando já estiver nas nuvens. Pois, não queira, sr. Dutra, conhecer o Pará nem do alto. O senhor não vai gostar.

No entanto, se quiser mesmo dar uma volta — no que demonstra o seu completo mau gosto em matéria de passeios, — sr. Dutra, o senhor vai travar conheci-

mento com aquilo de que tanto procurava fugir, como o diabo da cruz (desculpe a comparação). O senhor vai testemunhar, pessoalmente, tudo o que conhecia através da leitura dos jornais, dos noticiários dos radios, da descrição dos parlamentares que prezam a terra, ou até mesmo do cinema. O senhor ficará — quedo, estupefacto, verdadeiramente impressionado.

A miséria o comoverá, o desaso o revoltará, o desrespeito o indignará, a anarquia o surpreenderá. Enfim, presidente, o senhor assistirá a uma espectáculo, senão inédito neste nosso Brasil, pelo menos mais doloroso do que em qualquer outra parte do território nacional. Evite, sr. presidente, evite. Fique mesmo por Val-de-Cães, nem sequer pensando em sair do Aeroporto, onde tudo é caído e asfaltado.

— xxx —

Saindo do Aeroporto, sr. Dutra, o senhor vai ver aquilo que

evitou sempre assistir. Quando o seu auto começar a pinotear pela rodovia outrora asfaltada, hoje completamente esburacada, procure saber do que é feito do Departamento de Estradas de Rodagem, de seus carros, seu material, sua gente e suas verbas. Farrás são feitas com aqueles, e o material é desviado para outros fins, enquanto seus braços melhoram a fazenda de Primavera ou espancam deputados, e as ultimas são desbaratadas.

Ao travar contacto com o esquelético povo das margens dessa mesma rodovia, lembre-se de que cem leitos existem nesta terra, para tuberculosos, sua incidencia é das mais altas do país e mais da metade da nossa população está contaminada pelo terrível mal. Saiba que esse mesmo povo esquelético não tem o que comer, pois pão não há mais, porque uma lei de sua propria autoria assim o quis, e que a carne verde constitui um dos maiores escan-

(Continua na 5.ª página)

ANEXO C - Telegrama de Magalhães Barata

Paulo Maranhão X Folha
Barata suspende Folha

CÓPIA DE TELEGRAMA

15 MWI 32

RECEBIMENTO
1
23h
30529
16-5-33

113

135

14

Dr. Otávio Vargas

Austin

Chefe Governo Provisório RIO

Justiça

Tenho dissabor comunicar V. Ex. vi-me obrigado ordenar suspensão matutino Folha Norte por quatro dias, virtude publicação esse jornal hoje artigo desabrido achincalhante contra mim, pessoalmente, infringindo assim censura previa eu vinha mantendo todos jornais, orientada pelas proprias rotações. Aliás, não é primeira vez esse jornal infringe ordens caracter geral expedidas para evitar choques explorações imprensa determinantas, muitas vezes, intranquilidade seio pacata população nosso Estado. Certo esse ato que não aberrra pelo seu rigor da forma de absoluta tolerancia tenho mantido relação inercosa, encontrará pluma aprovação V. Ex., asseguro é com pesar me vejo obrigado a essa medida que visa não permitir seja autoridade eu aqui represento menoscabada e achincalhada. Cordiais saudações.

Major Magalhães Barata, Interventor Federal.

[Faint handwritten text, possibly a signature or additional notes, mostly illegible due to fading and bleed-through.]

2

CÓPIA DE TELEGRAMA



SECRETARIA DA PRESIDENCIA DA REPUBLICA
TELEGRAMA

OFICIAL

Palacio de de de 19
N. P. Data Hora
Rio, 16-8-33.

MAJOR MAGALHÃES BARATA,
INTERVENTOR FEDERAL.

PARA

Chefe Governo ficou ciente telegrama comunicando suspensão matutino
"Folha Norte" e está certo só interesse publico o levou a adotar a-
quela medida. Cordiaes saudações.

(a) Gregorio Fonseca.
Secretario.

ANEXO D - Telegrama de Cyro Proença

*Notas ameaças
Folha do Norte*

CÓPIA DE TELEGRAMA

PALACIO
24 SET. --
TELEGRAFO

44.469

Belen

1968/1

247

24

0,5

Urgente Presidente Getulio Vargas

RIO

Flavio

Somente agora posso levar conhecimento Vossencia graves violencias sofridas e novas ameaças Folha Norte. Redactor assassinado onze manhã estivador José Avelino consequencia propria imprudencia ameaçado resolver em pouco adversarios politicos centro comercio hora grande movimento. Governo afetação prisão varios politicos Frente Unica, inclusive Diretor Folha com ligação facto tambem redator José Santos desde duas horas tarde hontem até agora detidos sem depor. Realizou rigorosa busca Jornal não encontrando armas. Recebendo denuncia Folha seria assaltada madrugada. Pedimos interferencia comandante Região, Inspector Arsenal Capitão Mar Guerra Durval Teixeira aqui comissão comunicando ameaças recebidas. Interventor assegurou comandante Região nada concederia declarando manter ordem proprio interesse. Entretanto tres madrugada Folha atacada tiros fuzis metralhadoras durante tiroteio de cinco manhã apesar ficar Chefia Policia dois quartelões distante Jornal somente essa hora Policia compareceu embora sirene Jornal businando permanentemente insistentemente afim denunciar ocorrências anormais. Ligações telefonicas interceptadas modo geral. Tais circunstâncias forçam acreditar conivencia Governo maxime tendo sido distribuidos elementos governistas varios boletins concitando represalia injustificavel. Circula novas ameaças proxima madrugada afim danificar machinas Jornal presentemente ocupado Policia. Nossos operarios permanecem detidos desde cinco manhã até agora. Noticias existencia complot fins criminosos contra Governo servem apenas pretexto cometer violencias officiais.

DE TELEGRAMA

-2-

Virtude factos relatados solicitamos urgentissimas terminantes ordens com
do Região garantir propriedade vidas ameaçadas. Conflamos criterio Vossaencia
evitará prossecução desatinos. Respeitosas saudações.

Cyro Proença, Secretario Felha No.

ANEXO G - Os patifes e desavergonhados

Coliberal

ORGÃO DO PARTIDO SOCIAL DEMOCRÁTICO DO PARÁ

ANO I DIÁRIO VESPERTINO Estado do Pará, 16 de Dezembro de 1918. N. 27

O PROTESTO DO POVO PARAENSE E As Ignominiosas Ofensas Assacadas Contra O Senador MAGALHÃES BARATA O Grande Comício Realizado Em Frente Ao Club 5 De Outubro Foi A Resposta Desassombrosa Dos Baratas Aos Crapulas Que Dirigem "As Folhas"

Recebi-se de grande entusiasmo o comício do P. S. D. realizado na avenida Generalissimo Deodoro, em frente ao Club 5 de Outubro, que, conserva esse nome como uma justa homenagem à Revolução de 1930 no Pará. Acorrem de todas as paróquias da cidade grande massa popular, que se aglomerou em frente ao citado Club, vibrando de entusiasmo e dando uma verdadeira demonstração de revolta...

Ferro Fundido e Chapas

COMPRA - OFICINA CONDE Porto do Sal. (3 vsz. segs.)

REPELIDOS ALTIVAMENTE EM JOÃO COELHO OS Desordeiros Petebistas

Atrelado a um trem de feira livre dos colonos Sem cargo, seguiu sabado ultimo, rumo à zona bragantina, um vagão conduzindo os quebradores de retratos e insultadores do senador Gestúlio Vargas, hoje fanatizados de prepotências e abrigados sob a tuta do senador Magalhães Barata e de seus amigos, o instar brasileiro, Secção do Pará.

Esses elementos, já corrompidos do eno dos outros partidos, infiltraram-se no P. S. D. paraense somente com o fito de adular e enganar os incautos eleitores, a por meio de perturbadoras ou toda ordem fazeres criar que não verdadeiramente os "redentores" quando não passam de arnabugos, traidores e arnuaceros.

Na passagem pela cidade de João Coelho, onde apertaram por volta das 9 horas de manhã, era intenso o movimento no Mercado Municipal, com a realização da

A tradição Que Continúa Na Alma De Todo O Paraense

A Constituição do Estado do Pará de 1891, no seu Capítulo I, artigo 57, estabelecia entre as condições de elegibilidade para o cargo de Governador e Vice Governador:

- 1.º - Ser paraense; 2.º - Ser domiciliado no Estado durante os cinco anos que precederem a eleição. Entretanto, por tolerância para com aqueles que não tivessem a honra de haver nascido no Pará, os paraenses com muita satisfação escolheram para seu Governador quem aqui tivesse organizado um lar e aqui constituído prole, educando-os nos nossos estabelecimentos de ensino; aqui formasse o seu círculo de amigos e participasse das nossas lutas cívicas e políticas; aqui sofresse e desfrutasse conosco as boas e as más horas e que, finalmente, aqui tivesse os seus interesses ligados à terra paraense, sem abominá-la nem desprezá-la por outras plagas.

Mas, se por dizeis que ama o Pará, vivendo entretanto longe dele, não seria possível que nós, os paraenses, fossemos aceitar um candidato qual quer para seu governar.

Assim o fazendo, estamos apenas conservando as nossas tradições...

PATIFES E DESAVERGONHADOS

A casta perigosa dos Maranhenses está nas vacas de um grande despeto. E quanto mais se aproxima o 19 de janeiro — data do pleito em que o coronel Barata, mais uma vez demonstrará o valor da sua personalidade e quanto e querido e admirado pelo povo de sua terra — tanto mais alta se irá a tensão do despeito destes mal-encarados atabalhoadores da honra e da dignidade alheias.

Eles, desabrida e mentem e falam em pacificação e harmonia e condescendência, — mas são os primeiros a dar mostra dos sentimentos torpes que foram a sua alma de scriteos e hipocritas. Falam, hipocritamente, em paz, mas as suas palavras e os seus atos são expressões requintadas de ódio e de vingança.

A reedição de insultos e desaforos que ontem fizeram pelo seu paquim numero primeiro, veio, provando ao contrário do que eles visam, que o senador Magalhães Barata, — que tem sido a maior vítima nesta terra, suportando uma campanha de achincalhe e de deboche — campanha que se torna ainda mais visível e irritante quando é certo que é tangida e animada a bilhetes e salafários da marca de Paulo de João Maranhão — ti-negro, que se julgam com

Dr. Eduardo de Azevedo Ribeiro, tendo regressado do da capital da Rep. ubica, refsumo o exercicio de sua clinica. (2.ª pag. — dias 15, 17 e 18)

Urge Uma Providencia Energica Das Autoridades Competentes

Temos publicado varias telegramas do interior, informando uma serie infundavel de provocações aos elementos do P. S. D. por parte das organizações partidárias que tendem para a desmunição de "Opostos Coligados".

Estahores certos, o senhor coronel Chet de Policia não está de acordo com o método dos procedimentos de perturbação da ordem e expulções, uma providencia enérgica para pôr termo a essas atitudes agressivas, cujos objetivos são os de criar um clima de intranquilidade, propiciatorio aos escusos interesses dessas frageis facções partidárias.

Vale por uma advertencia a atitude de calma e ordem que vem sendo mantida pelos correligionarios do P. S. D., mas que tal não seja tomada como fraqueza pois a repetição das provocações poderá redimir em um futuro, a altura e na medida das ofensas que nos têm sido assacadas.

Somos o partido da maioria e como tal não deixaremos que nos ultrajem o passado de honra e gloria que conquistamos sob a direção do eminente senador Coronel Magalhães Barata, que queiram ou não os seus gratuitos detratadores, continuará a ser o defensor das aspirações do povo paraense.

De Ordem Da Chefia De Policia

(Continuação da 1.ª pag.) Ion as autoridades policiais ali de serviço, dizendo que estava numa comemoração que agora quea manda nesto Estado são as "Folhas" razão por que não podia ser preso, etc. Omitido o fato ao Delegado de Planalto, sr. João Fernandes, foi o mesmo detido. Hoje pela manhã, de ordem do Excmo. Sr. Chefe de Policia, o alferido folhetario foi transferido para a Central de Po-

pos sem moralidade, compostura e sem a minima credenciais de um cidadão de bem da public, sobretudo para orientar governos e autoridades, como indôbita e pretenciosamente se querem apresentar, máxime quando se trata de governos recém-titulos.

A matéria, inclusive clichês e outras cópias do passadinho primeiro, da 1.ª de Março — vem toda de edições anteriores e de época em que o coronel Barata, com o seu larido, era Governador nesta terra.

Fosse esse eminente paraense, homem violento e mau como o procuram pintares desalmados retaliadores da honra e da reputação alheias e eles, no tempo próprio teriam pago caro o seu a tre e vimento. Exercitassem a paciência, cuja paciência tem sido um constante holocausto no altar da Pátria e no coração do seu povo, cada vez mais se impõe ao conceito dos homens de bem e que, com intencões honestas, trabalham no interesse da coletividade.

Querem a prova? — Frequentem os meetings e movimentos populares que comparece o incito amazônida! Tomem contato com as massas proletárias dos subúrbios de Belém, dos Municípios do interior e com todos aqueles que representam as fontes de vida, de progresso e de trabalho desta grande terra. E lá! e nesse instante, que se vê como é ímprobo e não encontra

de toda a sorte. SANTA ISABEL, 16 — Comunicamos a vossencia que de passagem esta manhã por este municipio uma caravana trabalhista chefiada pelo sr. Mano Chermont e outros, parando em frente ao mercado o tiem e em termos descorteses e agressivos procuraram perturbar a ordem publica tendo o médico Sr. Maria Chaves invadido o Posto Sanitário rasgando os cartazes de propaganda do Partido Social Democrático sendo repellido pelo povo. Na ocasião a policia tomou providencias evitando maiores consequências por parte do povo que vivava no nome da vossencia, Moura Carvalho e Presidente Dutra. Proseguindo sua viagem os caravaneiros voltou a tranquilidade a esta cidade. Acácio Aranha, Antonito Bastos Lima, José Maximiano de Oliveira, Francisco Gaminilha, Primo Feliciano de Sá, José Azevedo Vasconcelos, José Timoteo, Custodio Pereira de Moraes, Osvaldo Lins de Oliveira, Martinho Ladislau Duarte, Manoel Sousa Leal, presidente e membros do Diretorio Municipal do Partido Social Democrático.

SANTA ISABEL, 16 — Chegando o trem conduzindo uma caravana do Partido Trabalhista da qual faz parte o sr. José Maria Chaves est entrou no posto eleitoral, todavia não podendo e não devemos forçar os nossos amigos e correligionarios a se conservarem em attitude passiva para serem rajados a humilhação, hoje, onde ainda se encontra, sendo sido aberto inquerito a respeito do fato.

Que isto sirva de exemplo a quantos animados pelos Maranhenses, entendam de fazer da nossa terra uma verdadeira aldea do Paio Pires.

BRAGANÇA, 16 — O Partido Trabalhista acaba de realizar um comicio na Praça Marechal Deodoro, sem éxito. Os oradores, em virtude da linguagem insultuosa que empregaram, foram apertadas constantemente

mente. Vimos vários deles armados de paizal. Para evitar conflitos futuros, pedimos levar o fato ao conhecimento do coronel interventor, que poderá evitar mediante providencias a policia, que pessoas armadas tomem parte em comícios. Ats. sd. (a) Diretorio Municipal.

BRAGANÇA, 16 — Leve conhecimento desse conteúdo legitimo orgão de nossa vitoriosa causa que elementos PTB realizaram ontem comicio para Marechal Deodoro resultando verdadeiro fracasso oradores atacaram nos comícios inominavél chefe coronel Magalhães Barata e demais próeres PSD protestamos energeticamente pela attitude indigna com que se portaram esses elementos petebistas. — (Do CORRESPONDENTE).

A Executiva do P. S. D. recebeu de Gurupá seguinte telegrama: "Presidente Executiva do Partido Social Democrático — Belém-Pará — Levamos conhecimento vossencia attitude iníidita, condôcnavei tripulação vapor "União" aqui aportado dia 12 corrente, a qual percorrendo as ruas desta cidade attitude francamente hostil andou rasgando cartazes propaganda P. S. D. ante estaretimeiro população local, intensa esses processos violentos.

Diretorio Partido Social Democrático em Gurupá apresentando su protesto attitude desabrida tripulação vapor "União" sente-se á vontade comunicar vossencia continua notorando su campanha propaganda eleitoral sob principios respeito adversários e ampla liberdade.

Cordiaes saudações. Diretorio Partido Social Democrático em Gurupá".

CONSCIENCIA CIVICA DE MINAS SURTA REAGE NA ABRIL

Todos nós veneramos o passado tranqüilo e a honra ilibada de Wallaceau Braz, mas somos fortes a reconhecer que o seu nome, sob a forma de "territus", foi aplicado no caso de Minas como um simples pedregulho com seus infortios. Desde que se desceu as escadas do Catete — há mais de vinte anos — a gloria de sua vida publica consiste em ter esta processado sempre longe das lutas trepidantes Patriarca como Catão, ele também lavrava o campo, mas assiria impassivelmente, sem a energia de Catão os dramas politicos de seu país. Nuno e Buzen de Medeiros o fizeram tanto os exemplos, para guiar os seus concidadãos no caminho das reivindicaciones legais e mas. Eoomunizando avaramente a sua sabedoria, a sua experiencia, as suas reservas morais, não mais participou dos debates dos nossos problemas, não se expôs aos imprevistos das lutas, não enfrentou o cãcorer nem de defecion o exilio, como Artur Bernardes e Buzen de Medeiros o fizeram tantas vezes. Por isso mesmo o seu nome, simbolo de uma acomodação purificada na equianlancia das paixões em choque, jamais seria a formula indicada para o problema governamental do Estado. Não se presenche um mandato com uma soubra.

A hora é de competição. Natural e honesta seria a seleção dos candidatos num clima de absoluta garantia e de ordem para todos. Se não imposta pelos cambalhões, resultado de um accordo entre raposas, a candidatura otem rejeitada não merecia a aprovação do PSD porque não teve a sanção preliminar da opinião publica. O poro não permite que se dê a Democracia uma interpretação diferente do seu verdadeiro conteúdo. Não talra o poro que a sua fé na plena restauração do direito de pensar, de agir, de criticar, de escolher e de eleger seja burlesca.

Li aquele que pretender restaurar a politica contrahandora de Pinheiro Machado fracassará. Cairá como os frutos que se antecipam á época da maturação e ao tempo da colheita. Escolha sem consulta é impositivo, indôcnavei tripulação vapor "União" sente-se á vontade comunicar vossencia continua notorando su campanha propaganda eleitoral sob principios respeito adversários e ampla liberdade.

Cordiaes saudações. Diretorio Partido Social Democrático em Gurupá".

Sim, viva Minas! Que Deus lhe conserve a virtude da resistência nas horas de covardia colorada, porque assim a Democracia no Brasil não perecerá.

(Do "O Estado do Pará", de 16-12-46).

ANEXO I - Suposta censura de Magalhães Barata

Desrespeito A' Constituição

ANO LII

JORNAL DA MANHÃ, COTIDIANO E INDEPENDENTE

NUM. 20.888

Folha do Norte

Director - PAULO MARANHÃO

BELEM - PARA - Quinta-feira, 15 de Janeiro de 1948

Gerente - JOAO MARANHÃO

A "VESPERTINA" E A POLÍCIA

Atentado Contra As FOLHAS

Baseado Numa Lei Iniqua Da Ditadura, Cujá Vigência Expirou Com A Constituição De 18 De Setembro, A Policia Do Snr. Moura Carvalho Investe Contra Os Nossos Jornais

Concretizam-se As Ameaças Feitas Por Magalhães Barata Em Praça Pública

O Nosso Brio, Porém, Jamais Foi Humilhado Pelo Despotismo De Governos

Somente Na Vespera Da Eleição Foi Julgado O Mandado De Segurança Da Coligação

Uma Coligação Democrática... O direito de fazer propaganda... A política dos Estados Unidos...



O POVO LENDO O BANDO "BLACARD" ANUNCIANDO QUE A "VESPERTINA" DEIXARA DE CIRCULAR...



GRUPO DE POLICIAES NA PORTA DO NOSSO SERVIÇO...

Ontem, as 14.30 horas, postaram no edificio das FOLHAS... O direito de fazer propaganda...

Em 1930, a ditadura... O plano Marshall...

Antes de aqui chegarem os autos... O plano Marshall...

OS TRABALHOS DE ONTEM NO SENADO

Table with 2 columns: Candidate Name and Votes. Includes names like LUCIVAL LOBATO, ARMANDO MENDES, BENEDITO CARVALHO, etc.

O ROMPIMENTO DO DEPUTADO PIRES FERREIRA COM A U. D. N.

RIO, 14 (A.P.) - Chamando a atenção para o rompimento do Sr. Pires Ferreira com a U. D. N....

EM FRENTE AS FOLHAS O DELEGADO JOAO FERNANDES... O plano Marshall...

EDIÇÃO DE HOJE 10 Páginas PREÇO DO EXEMPLAR, CR\$ 1.00

NA IMINÊNCIA Do Ôlho Da Rua

As moças controladas que trabalham nos diversos departamentos...

OS TRABALHOS DE ONTEM NO SENADO

RIO, 14 (A.P.) - O Sr. Senador...

VAI SER FUNDADO MAIS UM PARTIDO GOIANO, 14 (U. P.) - Anunciou-se nesta capital...

ANEXO J – Circulação da Folha Vespertina

RETARDOU A SUA CIRCULAÇÃO ANTE- ONTEM A "FOLHA VESPERTINA", Simplesmente Por Espontanea Vontade De Seus Proprietarios

Publicamente Se Desmascara
O Sr. Paulo Maranhão

Declarou Aquele Vespertino Que Não Circulou A' Hora Habitual Em Sinal De Protesto A Uma Medida Legal Da Policia, Em Virtude Desse Jornal Ter Infringido O Decreto-Lei 431

No caso criado pelas "Folhas", em consequencia da campanha de insulto contra as autoridades constituídas que esses jornais há muito tempo vêm movendo em Belém, o sr. Paulo Maranhão usou da chicana para atingir os seus intentos. Assim é que alegou em seu pedido de mandado de segurança que a policia pretendia submeter a "Folha Vespertina" a censura prévia.

No entanto, a ação da policia se norteava pelas normas traçadas pelo ministro da Justiça em sua circular dirigida aos governos estaduais para exato cumprimento do decreto-lei n. 431, de 18 de maio de 1938, em face do acórdão do Tribunal Federal de Recursos. A medida foi legal e não cogitava de censura prévia, mas tão somente para prevenir que se o jornal continuasse a violar os dispositivos do mencionado diploma legal, seria apreendida a edição.

Sorrateiramente as "Folhas" inventaram a censura prévia para poder obter o mandado de segurança então impetrado.

Mas são as proprias "Folhas" que se desmentem, dando publicidade ao seguinte telegrama do deputado Epilogo Campos, com o qual manifestou-se de acordo o sr. Paulo Maranhão: — "Ao ministro da Justiça e aos deputados Prado Kelli, lider udenista na Camara, e Virgilio Santa, da bancada paraense, o parlamentar Epilogo de

Campos endereçou o seguinte telegrama: — "Levo ao conhecimento de v. excelencia que o governo do Estado acaba de instituir o regime de censura prévia aos jornais da Empresa de Publicidade "Folha do Norte", Ltda., sob a direção jornalística do professor Paulo Maranhão, que se vem opondo aos desmandos e violencias de orientação situacionista local (Stc). Em sinal de protesto as "Folhas" deixaram de circular aguardando a decisão do Tribunal. Apelo para v. excia. no sentido de que sejam aqui cumpridos fielmente os preceitos constitucionais. Saudações cordiais. — Epilogo de Campos".

Aí está claramente demonstrado, pela propria "Folha Vespertina", em sua edição de ontem, que esse vespertino somente circulou fora de seu horário habitual, conforme eles mesmos alegaram, por espontanea vontade e nunca por ter sido impedida pela policia.

E' o proprio Paulo Maranhão que se desmascara em publico através das colunas de seu jornal.

Fica desta maneira o público sabendo como agem as "Folhas" para envenenar a opinião pública e imbuir os incautos.

Diante do telegrama estampado pela propria "Folha" não precisa nem comentário para se chegar à conclusão de suas mentiras eleivostas.

Em Nosso Quadro O

ANEXO K – O temor Baratista

ANO LII JORNAL DA MANHÃ, COTIDIANO E INDEPENDENTE NUM. 20.868

Arquivo Público

Folha do Norte

Director — PAULO MARANHÃO BELEM - PARA' — Sexta-feira, 16 de janeiro de 1948 Gerente — JOAO MARANHÃO

OS MUNICÍPIOS DO INTERIOR Sobressaltados Pelo Temor Baratista

A Polícia Reunindo-se A Capangas E Desordeiros, Perturba Os Serviços Eleitorais Em Bragança

Eleitorais Em Bragança

EM MARACANÁ O PREFEITO LAMARÃO DESMANDA-SE EM VIOLÊNCIAS —DEPREDAO UM CLUBE EM MONTE ALEGRE

Ninguém se iludiu aqui, antes das eleições, com o ato do governo, deslocando contingentes da Força Policial para sedes de municípios, onde lhe parecia dirigi-los a vitória da chapa do P.S.D. As justificativas dadas eram boas para o paladar dos olhos, mas inaceitáveis por quem se desabituou já das fantasias: as forças não saíram daqui para garantir a ordem e sim com o fim de implantar o terror entre gente moderada e atender a planos que decorreriam dos resultados das urnas.

Além do contingente que viajou com destino a Bragança, onde o sr. Baratista não deixou de simpatizar, lá foram concentrados diversos homens do Serviço de Estradas de Rodagem, cujo diretor perdeu a compostura do seu cargo para tomar-se cabo eleitoral, dispondo à vontade dos recursos de que dispõe esse importante Departamento.

A senha foi dada e a polícia local, com o reforço que teve, mancomunada com seus gentes, principiou o seu trabalho de desrespeito à Justiça Eleitoral, rondando a sede dos trabalhos de apuração e dirigindo ameaças aos membros da mesa.

Não há muitos dias, o sr. Augusto Corrêa telegrafou para esta capital mostrando a situação a que chegara sua terra, e declarando não lhe merecer confiança a polícia de lá.

O momento era de favor: soldados por todas as esquinas e desordeiros aliados noutros lugares perturbavam a tranquilidade pública. Desde o dia 11 as famílias têm estado em pânico. O sr. Augusto Corrêa já ouviu ameaças de morte.

Porém, o sr. Demétrio Noronha recebeu ontem telegrama daquela cidade, comunicando que a polícia, reunida a capangas e serviços de Rodagem, invadiu o recinto dos trabalhos de apuração das eleições, promovendo distúrbios e fazendo depredações.

Deu motivo a isso o fato de estar a Coligação vencendo por uma diferença de 200 votos, quando apenas faltavam apurar duas urnas.

O medo da derrota insuflou a desordem.

Porque a verdade é esta: o baratismo implantou a desordem em nosso Estado para ter assegurado um clima propício às suas tropelias e aos seus crimes e justificar as violações constantes aos preceitos constitucionais e os atentados aos direitos e garantias individuais.

Como reagirá a esses fatos a sensibilidade moral do sr. Moura Carvalho?

TAMBÉM EM MARACANÁ Como se não bastassem as

tropelias em Bragança, chegamos, à noite, o seguinte telegrama de Maracaná:

“O delegado da polícia local mandou prender, por ordem do prefeito Lamarão, os srs. Ambrósio Cruz, escravo da Coletoria Federal e José Maria de Paiva Odeiro, vice-presidente da U.D.N. neste município, que se recusaram a obedecer a vos de prisão por considerá-la injusta, arbitrária e não ter amparo legal. A Coligação Democrática telegrafou à direção estadual solicitando providências além de pôr cado aos abusos que estão sendo cometidos contra a população ordeira e honesta de Maracaná. O sr. Antônio Cruz telegrafou aos srs. Presidente da República, deputado Agostinho Monteiro e dr. Luiz da Comarca, pedindo garantias. (Do correspondente).

Podemos adiantar que à noite seguim para aquele município uma força policial, levando os soldados fardo material bélico.

Isso faz concluir, para quem conhece os processos de baratismo e não esqueceu as palavras do sr. Magalhães Barata pronunciadas ainda no ano de 45 em praça pública, que Maracaná viverá horas amargas de terror.

Barata quer, manda e pode. O sr. Moura Carvalho obedece. O governador se agita e o secretário o conduz.

xxx

Ainda de Monte Alegre, onde o baratismo, morto o pó da derrota, recebemos o telegrama abaixo, que é bem a revelação do desespero do regime que infelicitou o nosso Estado:

“Terminada a apuração do pleito de domingo último, com a esmagadora vitória da Coligação, desde ontem o delegado de Polícia, acompanhado de um bando armado, percorre as ruas desta cidade, agredindo e arrastando populares que manifestaram as suas simpatias pela Coligação Democrática.

Os representantes aqui da Coligação telegrafaram às autoridades estaduais, solicitando providências ao sentido de que façam cessar tais violências que atentam contra as liberdades democráticas do povo, moralizadoras, e que são movidas exclusivamente pela irresponsabilidade do delegado de Polícia aqui, que vive desde o dia 10 do corrente em completo estado de embriaguez. (Do correspondente).

ANEXO L – Tropelias Baratistas

Raimundo Farah 385 | Ricardo Borges 332 |

Tropelias Baratistas No Interior Do Estado

Desordens Prisões E Espancamentos Em Monte Alegre - Novo Contingente Policial Para Bragança

Confirmando os despachos do nosso correspondente em Monte Alegre, assinado pelos membros da Coligação naquele município e dirigido ao deputado Aldebaro Klautau, chegou ontem o seguinte telegrama:

"MONTE ALEGRE, 15 — Desde ontem, após conhecimento do resultado final do pleito de onze deste município o delegado de polícia completamente alcoolizado, acompanhado de um bando armado de cerca de trinta homens, vem praticando arbitrariedades e violências que constituem verdadeiro atentado as garantias democraticas do povo montealegrense.

A's vinte e uma horas de ontem o referido bando ar-

mado invadiu a sede social do São Luiz Esporte Clube, tentando depredar o seu patrimonio, e não conseguindo retirou da galeria dos socios beneméritos do clube a fotografia do sr. Magalhães Barata levando-o para a residencia do coletor estadual Marcelino Brazão, onde se encontrava aquela hora o sr. Teixeira Gueiros. Foram feitas varias agressões e elementos populares que manifestaram simpatia pela Coligação, seguidas de numerosas prisões. Acabamos de telegrafar ao governador Moura Carvalho e Chefia de Polícia protestando contra tais fatos atentatórios as liberdades publicas, que aqui vem se repetindo diariamente. So-

licitamos vossa ação no sentido de uma intervenção junto as autoridades competentes afim de fazer cessar a situação anormal e intoleravel que está vivendo o povo montealegrense. (a) Catete Pinheiro, Ernani Chaves, Francisco Mariano Costa e Carim Melém.

EM BRAGANÇA

Em Bragança, conforme noticiamos ontem, a "cabroeirada" baratista, protegida pela policia, invadiu o local onde funcionou a Junta apuradora, destruindo urnas e papéis, numa tentativa para anular as eleições. Adiantamos que um contingente policial deveria partir para a cidade, noticia que confirmamos, acrescentando

que 30 serão as praças da policia destacadas para reforçar as que lá se encontram. O embargo dessa tropa deverá se efetuar hoje pela manhã e leva ordens especiais que foram transmitidas pessoalmente pelo sr. Armando Corrêa, secretario geral do Estado, ao cel. Fernando Peixoto, comandante da Força Policial. Presume-se que ordens sejam estas conhecendo-se o baratismo e os instintos do homem que a desgraça colocou à frente da Secretaria Geral.

E' de todo oportuno lembrar e para o Baixo Amazonas foram destacados "observadores" do Governo, os srs. Paugueiros, cujos frutos da missão oficial que levaram estão sendo conhecidos.